



*UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO*

ELIOMAR LIMA DOS SANTOS

***NO CAMINHO DA ESCOLA:
A EDUCAÇÃO ESCOLAR PÚBLICA EM DEBATE A PARTIR DA
AUTOBIOGRAFIA DE UM HOMEM NEGRO DA CIDADE DE SALVADOR - BA***

*SALVADOR, BA
2024*

ELIOMAR LIMA DOS SANTOS

**NO CAMINHO DA ESCOLA: A EDUCAÇÃO ESCOLAR PÚBLICA EM
DEBATE A PARTIR DA AUTOBIOGRAFIA DE UM HOMEM NEGRO DA
CIDADE DE SALVADOR-BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito para conclusão do curso de Mestrado em Educação.

Orientadora: Lygia de Sousa Viégas.

**SALVADOR, BA
2024**

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Santos, Eliomar Lima dos.

No caminho da escola [recurso eletrônico] : a educação escolar pública em debate a partir da autobiografia de um homem negro da cidade de Salvador-BA / Eliomar Lima dos Santos. - Dados eletrônicos. - 2024.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lygia de Sousa Viégas.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2024.

Disponível em formato digital

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Educação - Aspectos sociais. 2. Educação escolar. 3. Racismo. 4. Autobiografia. I. Viégas, Lygia de Sousa. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 306.43- 23. ed.

ELIOMAR LIMA DOS SANTOS

**NO CAMINHO DA ESCOLA: A EDUCAÇÃO ESCOLAR PÚBLICA EM DEBATE A
PARTIR DA AUTOBIOGRAFIA DE UM HOMEM NEGRO DA CIDADE DE
SALVADOR-BA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em educação.

Avaliada e aprovada em 20 de setembro de 2024.

Profa. Dra. Lygia de Sousa Viégas – Orientadora
Universidade Federal da Bahia / Faculdade de Educação

Profa. Dra. Nanci Helena rebouças Franco
Universidade Federal da Bahia / Faculdade de Educação

Profa. Dra. Eliane Silvia Costa
Universidade Federal da Bahia / Faculdade de Educação

Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos
Acervo da Laje

Salvador/Bahia
Setembro de 2024



Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU), realizada em 20/09/2024 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM EDUCAÇÃO no. 1, área de concentração Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica, do(a) candidato(a) ELIOMAR LIMA DOS SANTOS, de matrícula 2020109871, intitulada NO CAMINHO DA ESCOLA: A EDUCAÇÃO ESCOLAR PÚBLICA EM DEBATE A PARTIR DA AUTOBIOGRAFIA DE UM HOMEM NEGRO DA CIDADE DE SALVADOR - BA. Às 14:00 do citado dia, Auditório 1 da FACED, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. que apresentou os outros membros da banca: Prof^ª. Dra. LYGIA DE SOUSA VIEGAS, Prof^ª. Dra. NANCI HELENA REBOUCAS FRANCO, Prof^ª. Dra. ELIANE SILVIA COSTA e Prof. Dr. JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE EDUARDO FERREIRA SANTOS
Data: 21/09/2024 14:31:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS

Examinador Externo à Instituição
Documento assinado digitalmente

gov.br ELIANE SILVIA COSTA
Data: 08/10/2024 23:46:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

E

Examinadora Externa ao Programa

Dra. LYGIA DE SOUSA VIEGAS, UFBA

Examinadora Interna

Dra. NANCI HELENA REBOUCAS FRANCO, UFBA

Examinadora Interna

ELIOMAR LIMA DOS SANTOS

Mestrando(a)



Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU)

FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 1

Autor(a): ELIOMAR LIMA DOS SANTOS

Título: NO CAMINHO DA ESCOLA: A EDUCAÇÃO ESCOLAR PÚBLICA EM DEBATE A PARTIR DA AUTOBIOGRAFIA DE UM HOMEM NEGRO DA CIDADE DE SALVADOR - BA

Banca examinadora:

Prof(a). JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS Examinador Externo à Instituição

Prof(a). ELIANE SILVIA COSTA Examinadora Externa ao Programa

Prof(a). LYGIA DE SOUSA VIEGAS Examinadora Interna

Prof(a). NANCI HELENA REBOUCAS FRANCO Examinadora Interna

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. INTRODUÇÃO
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. METODOLOGIA
4. RESULTADOS OBTIDOS
5. CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof(a). LYGIA DE SOUSA VIEGAS

Orientador(a)

A todas as pessoas que ninguém mais vê.
A todas as pessoas que não usufruem de direitos básicos por descaso do Estado.
À minha família.

RESUMO

A dissertação apresentada traz uma narrativa autobiográfica do próprio autor. Por meio dela compartilho memórias da minha trajetória escolar formal básica, cursada em escolas públicas do bairro onde nasci e morei por 40 anos. No capítulo inicial apresento o método, abordo a minha relação com ele, os motivos que justificaram a escolha e a sua importância enquanto recurso pujante na luta contra o racismo. Também apresento os procedimentos que utilizei durante o exercício da autobiografização, que foram: o resgate de fotografias antigas; conversas com pessoas da família e amigas; gravação de conversa; e a escutação de músicas que possuem relação com a história narrada. Já no capítulo seguinte, faço uma autodescrição e trago questões importantes que me motivaram ao tema da pesquisa, além disso, compartilho algumas das sugestões da banca de qualificação, que contribuíram para a realização do trabalho. É evidente que, para narrar a minha história, precisei falar sobre parte da história de quem veio antes de mim (meus pais e avós), da minha família e do bairro onde nasci e cresci, dos encontros que ocorreram “no caminho da escola”. A autobiografia se entrecruza com textos de autoras do campo da Educação e da militância antirracista; e também com a arte (através das poesias e da música - de minha autoria além de outros autores), que aqui é utilizada para facilitar a conexão com a pessoa que lê, por conta da sua capacidade de tocar as nossas emoções. Com o presente trabalho busco refletir sobre a importância da educação formal enquanto espaço no qual as desigualdades sociais e raciais são (re)produzidas, compreendendo que, para pessoas negras, o percurso escolar pode ser tanto um caminho de superação quanto de reafirmação de barreiras sociais históricas. A ideia é estimular uma reflexão sobre a importância da Educação de qualidade ao alcance das diversas pessoas que dela necessitam e historicamente reivindicam o seu direito. Finalizo o texto com uma imagem-cena que traduz uma série de sentimentos e também uma afirmação: no caminho da escola, há começo, meio e fim - de uma história que não é só minha.

Palavras-chave: Educação Escolar; Racismo; Autobiografia.

ABSTRACT

The dissertation presented presents an autobiographical narrative by the author himself. Through it, I share memories of my basic formal schooling, attended at public schools in the neighborhood where I was born and lived for 40 years. In the initial chapter I present the method, discuss my relationship with it, the reasons that justified the choice and its importance as a powerful resource in the fight against racism. I also present the procedures I used during the autobiography exercise, which were: the recovery of old photographs; conversations with family and friends; conversation recording; and listening to music that is related to the story being told. In the next chapter, I provide a self-description and bring up important questions that motivated me to pursue the research topic. In addition, I share some of the suggestions from the qualifying panel, which contributed to the completion of the work. It is clear that, to tell my story, I needed to talk about part of the history of those who came before me (my parents and grandparents), of my family and the neighborhood where I was born and raised, of the encounters that occurred "on the way to school". The autobiography intersects with texts by authors from the field of Education and anti-racist activism; and also with art (through poetry and music - written by me and other authors), which is used here to facilitate the connection with the person reading, due to its ability to touch our emotions. With this work I seek to reflect on the importance of formal education as a space in which social and racial inequalities are (re)produced, understanding that, for black people, the school path can be both a path of overcoming and reaffirming social barriers. historical. The idea is to encourage reflection on the importance of quality education within the reach of the many people who need it and have historically claimed their right to it. I end the text with an image-scene that conveys a series of feelings and also an affirmation: on the way to school, there is a beginning, a middle and a beginning - of a story that is not just mine.

Keywords: School Education; Racism; Autobiography.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

REDA	Regime Especial de Direito Administrativo
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
Centro POP	Centro de Referência Especializado para População em Situação
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
URBIS	Habitação e Urbanização da Bahia S.A
CONDER	Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia
OMS	Organização Mundial de Saúde
PLAPE	Plano de Atendimento ao Pré-Escolar
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
CMCB	Conselho de Moradores de Castelo Branco
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
GIDAM	Grupo Interescolar Dona Arlete Magalhães

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Dados de implantação do Bairro Castelo Branco	46
Figura 02	Delimitação do bairro Castelo Branco	47
Figura 03	Recorte do jornal Tribuna da Bahia do ano de 1976	49

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Eu aos dez anos de idade durante a primeira comunhão	31
Imagem 2	Painho indo para o trabalho	38
Imagem 3	Mainha na cozinha	39
Imagem 4	Minhas irmãs e eu	43
Imagem 5	Nossa primeira festinha de aniversário	44
Imagem 6	Minhas irmãs e eu brincando na Creche	51
Imagem 07	Com parte da minha turma no ensino médio	70
Imagem 08	Meu boletim escolar dessa época	73
Imagem 09	No estágio e com colegas/amigues esse período	77
Imagem 10	Com a turma da conclusão do Ensino Médio	78
Imagem 11	Card do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia na Programação da Flipelô	79
Imagem 12	Mainha e Painho	98

AGRADECIMENTOS

Ao escrever estes agradecimentos sou conduzido a uma série de memórias dos encontros ocorridos no caminho e que contribuíram para o presente momento. Espero lembrar de todas as pessoas que de alguma forma fazem parte deste trabalho.

Sou grato a Dona Marinalva Lima dos Santos e Seu Lauriano dos Santos, (mainha e painho), por tudo que vocês fizeram por mim e minhas irmãs, e por terem sido tão cuidadosos com as nossas vidas. Beijijos!

Sou grato às minhas queridas irmãs, Zi e Lia, primeiras referências. Por nossa amizade e pela preciosa forma como cada uma se faz presente na minha vida. Amo!

Sou grato ao meu querido sobrinho, Octávio. Por ser esta pessoa que tanto nos enche de orgulho. Meu tio, nós te amamos!

Aos meus antepassados, inclusive os mais longínquos. Viva! a nossa história.

Sou imensamente grato à Camila, pelo amor que cultivamos e por tudo mais que compõe a nossa parceria. Te amo!

Lygia de Sousa Viégas, "INCRÍVEL"!!! Esta é uma palavra que escuto tantas vezes você repetir e ela traduz o quão você foi durante todo o processo. Você foi incrível e ser seu orientando foi uma experiência de aprendizado que só reforçou a admiração que tenho por ti. Obrigado, por sua implicação no processo e pelo cuidado, comigo, consigo e conosco (que não diz respeito somente a nós dois). Sou grato por sua leveza, seu humor, seu "imenso HD" de incalculáveis terabytes, e por sua presença para rir ou chorar (inclusive no momento em que estivemos, eu e o nosso querido amigo Ricardo, à deriva).

Agradeço com todo carinho possível às Professoras. Dra. Eliane Silvia Costa e Dra. Nanci Helena Rebouças Franco, e ao Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos. Por aceitarem o convite de compor a banca avaliadora deste trabalho. Obrigado por serem referência na luta contra as opressões e por produzirem conhecimento com toda a lindeza, assertividade e compromisso com a nossa gente.

Sou grato ao meu grupo de pesquisa EPIS que é composto por: Paulo, Ricardo, Cacio, Sarah, Tito, Isabel, Najila, Antonio, Simone, Perla, Brisa,

Hamilton, Tami, Liliane, Jackson, Meire, Rômulo, Pérola. Parcerias de trabalho, amizades de tantas outras trocas. Beijos em vocês.

Sou eternamente grato ao meu querido amigo, Tito Carvalhal, pelo tanto que você fortaleceu durante esta caminhada. Obrigado pelos gestos de carinho, pela generosidade, por estar sempre juntão e por nossas fritações sempre produtivas e instigantes. Salve, rasta! Você é lindão!

Às professoras e professores com quem estive durante o ensino básico. Meu sincero e apertado abraços de gratidão.

Sou grato aos amigos e amigas da Creche. A Creche é o meu lugar, onde guardo muitos afetos, memórias e saberes, foi lá onde aprendi as manhas e a ter o máximo do respeito às pessoas e lugares da periferia.

Salve, Alex Igbó, sou bastante grato às nossas conversas e por sua sensibilidade para dizer palavras que são bastante certas.

Sou grato à querida amiga Taise, por nossa amizade e por todo carinho que há em você.

Sou grato aos irmãos Leno Sacramento e Vinicius Assis, Israel e Cairo Costa, pela parceria nas artes.

Aos amigos do Edvaldo Brandão, Cimar, Rogério e Chico, obrigado por terem aceitado conversar sobre o período que estudamos juntos..

Agradeço à minha primeira professora fora do ambiente familiar, a pró Raquel, pelo bilhete que me deixou na caixa dos correios com algumas informações que lhe solicitei.

Sou grato às professoras e professores da graduação que contribuíram e muito com a minha formação crítica, em especial a Professora Bel, a professora Marilda e a professora Denise. Também sou grato às professoras e professores do mestrado.

Sou grato aos meus amigos dos diversos cantos da rua; sou grato à maloca; aos adolescentes e jovens do sistema socioeducativo; crianças e adolescentes que residem em unidades de acolhimento institucional, e a quem mais pude me aproximar nos últimos anos da minha atuação como psicólogo. Obrigado!

Sou grato às pessoas com quem trabalhei nos últimos anos e estabeleci parcerias. É coisa!!!

Sou imensamente grato a todos os coletivos negros que encabeçaram a luta pela garantia do direito à educação, às ações afirmativas, cotas e políticas de permanência universitária, em especial à turma do quilombo educacional Quilombo do Orobú.

Obrigado, gente!!!

SUMÁRIO

1. AUTOBIOGRAFIA, MEMÓRIA, LUGARES E ENCONTROS: O MÉTODO.....	16
1.1 O QUE SE ESTABELECEU COMO POSSÍVEL NUM MOMENTO SENSÍVEL QUE CRUZOU NOSSO CAMINHO?	14
1.2 MEMÓRIA E OS SEUS ENCONTROS	18
1.3 OUTROS REENCONTROS	22
1.4 DURANTE O CAMINHAR SE FEZ O CAMINHO: RECURSOS E ESTRATÉGIAS DE AUTOBIOGRAFIZAÇÃO.....	24
2. ANTES DE TUDO	26
3. UM POUCO ANTES DO DEPOIS	29
3.1 RECÔNCAVO, SERTÃO, METRÓPOLE: PEQUENOS PASSOS DE UMA HISTÓRIA DISTANTE – “É A DIÁSPORA NA DIÁSPORA”.....	31
3.2 O PEQUENO BURGUEÊS	32
3.3 SER/TÃO PRESENTE	35
3.4 DES/ENCONTROS, CON(M)TRADIÇÕES, DES/CAMINHOS E CONVIVÊNCIA FAMILIAR	38
3.5 TEMPO E FLECHA	44
3.6 LINHA 1383 - ESTAÇÃO PIRAJÁ X CRECHE	49
3.7 REVISITANDO LUGARES: GÊNERO, RAÇA, CLASSE, TERRITÓRIO E OS CAMINHOS DO EU.....	56
4. NO CAMINHO DA ESCOLA	59
4.1 O PRÉ E O PRIMÁRIO	62
4.2 A ESCOLA SEM CARTEIRA	65
4.3 EXISTIA VIDA!	67
4.4 A TÃO ESPERADA CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO E AS SURPRESAS QUE ENCONTREI NO CAMINHO	71
5. OBSTÁCULOS E IMPULSOS: UM LONGO CAMINHO ENTRE A “NÃO ESCOLA” E O RECONHECIMENTO DA SUA IMPORTÂNCIA..	83
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	97

*Quisera eu ser atlântico e transbordar
a nobreza dos corpos negros
que reside em mim, resistente embora submersa
Na vazante da maré eu expulsaria eternamente
a insistente dor que pesa as minhas lágrimas, e que me indigna,
me inquieta, como mar revoltado em fase de lua cheia
E se em algum dia eu oceano for,
jamais permitirei que a crueldade dos brancos
faça história nas profundezas
do meu sagrado íntimo
Pois o sofrimento que embriaga as minhas noites
advém pura e unicamente da desgraça,
provocada por quem criou a raça e atravessou
o caminho dos filhos da mama África
(Eliomar Lima)*

1. AUTOBIOGRAFIA, MEMÓRIA LUGARES E ENCONTROS: O MÉTODO

*Minha história se confunde
com a história
(Januário Garcia)*

Meu ingresso na graduação para o curso de Psicologia aconteceu no segundo semestre do ano de 2008. Na ocasião, lembro que fui capturado pelas disciplinas do campo da Educação, quase todas ministradas pela Prof. Dra. Lygia de Sousa Viégas, onde as discussões sobre o fracasso escolar eram embasadas por uma literatura crítica interseccionada com temas como: medicalização, racismo, pobreza e desigualdade social, dentre outros. Seguimos nossos caminhos e nos reencontramos em 2018, quando participei da pesquisa de mestrado do seu orientando, o Paulo, quando Lygia me convidou para fazer parte do grupo de pesquisas Educação, Política, Indivíduo e Sociedade: leituras a partir da Psicologia e da Filosofia - EPIS. As pesquisas realizadas pelo grupo tem total relação com as situações que me incomodavam nos lugares onde trabalhei, que tinham no seu cerne o racismo.

Também no mesmo período fui discente da sua turma como aluno especial do mestrado, na disciplina “Psicologia Escolar e Educacional: Perspectiva Crítica”, no Programa de Pós-graduação em Educação - UFBA, cuja ementa era formada por textos de autores dos quais eu destaco: Patto (2007); Chauí (1980); Freire (2013) e (1987); hooks (2013); Collins (2015).

Além dessas experiências, desde 2016 eu atuo como psicólogo no sistema socioeducativo e na Assistência Social.

Foi a partir desses encontros que surgiu a proposta inicial de pesquisa, cujo interesse era realizar um trabalho etnográfico com um grupo de adolescentes e jovens, do gênero masculino, moradores de bairros periféricos que tiveram suas trajetórias escolares interrompidas por diversos motivos.

1.1 O QUE SE ESTABELECEU COMO POSSÍVEL NUM MOMENTO SENSÍVEL QUE CRUZOU NOSSO CAMINHO?

Ocorre que ingressei no mestrado no início de 2020, ano em que a população global se viu amedrontada pela pandemia do COVID-19. Por um período de mais ou menos dois anos, tivemos que cumprir uma série de medidas sanitárias buscando o arrefecimento da circulação do vírus, dentre elas o distanciamento social.

Como agravante, durante toda a pandemia eu trabalhei como psicólogo (temporário em Regime Especial de Direito Administrativo - REDA) na Secretaria de Assistência do município, em uma das unidades do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro POP, equipamentos essenciais para o cuidado das pessoas que se encontram em situação de extrema pobreza. Assim como os demais trabalhadores que atuavam na unidade, não tive direito ao distanciamento social e exercitei presencialmente minha função de psicólogo nos momentos mais críticos da pandemia, trabalhando com pessoas totalmente expostas à rua.

Por conta desse contexto apresentado, tornou-se inviável a execução do projeto inicial, sendo necessário pensarmos em outras alternativas, levando em consideração a saúde física e emocional nossa e dos possíveis participantes - lembrando que seriam adolescentes e jovens, pobres e negros, expostos às vulnerabilidades socioraciais. Além disso, a exclusão digital poderia ser um impeditivo para a realização de encontros no formato virtual.

Durante uma orientação, Lygia me sugeriu realizar uma autobiografia e mesmo diante de inúmeras dúvidas sobre esta abordagem, principalmente no ambiente acadêmico, concordei com a sugestão. Fazia sentido usar parte da minha história como fonte de pesquisa, uma vez que ela contém uma série de elementos que dialogam com a proposta. Ainda que a minha trajetória escolar durante o ciclo básico não tenha sido interrompida, o risco de afastamento da escola sempre esteve presente durante todo o meu processo de escolarização formal desde o ciclo básico.

Uma vez definido o método, o passo seguinte foi aprofundar os conhecimentos sobre a autobiografia, através da leitura de textos de autoras e autores de referência e demais pesquisadoras(es) que se interessam pelo tema.

Vale dizer que a Educação é um campo com grande concentração de pesquisas que utilizam o método autobiográfico, principalmente aquelas

relacionadas à formação docente. Santos e Garms (2014) destacam o uso das narrativas autobiográficas nas disciplinas Psicologia, Filosofia, Linguística e Literatura. Eles afirmam que “durante as últimas décadas a Educação também tem reconhecido o potencial das narrativas como uma metodologia de pesquisa, de desenvolvimento pessoal e profissional dos professores” (Santos; Garms, 2014, p. 4100). Para Borba (2021), tal interesse se dá pela possibilidade de reflexões e aprendizados propiciados pelas narrativas autobiográficas num determinado contexto histórico, e por seu poder de contribuição não só com a pesquisa como também com a formação docente.

1.2 MEMÓRIA E OS SEUS ENCONTROS

*“O que os livros escondem,
as palavras ditas libertam”
(Conceição Evaristo)*

Ao narrar uma autobiografia eu seleciono histórias de vida que são relevantes e neste exercício realizo uma auto-observação, isso me possibilita ter um novo olhar sobre a maneira como me relaciono no contexto acadêmico, profissional e pessoal. De acordo com Henrique; Guimarães; Rodrigues (2021):

Os elementos de nossas experiências de vida que são narrados, são produções de sentidos em torno dos contextos que nos atravessam e se constroem em diálogo com as nossas leituras de mundo e em especial de como nos tornamos e somos sujeitos nestes contextos (p.147).

As pesquisas com narrativas não visam simplesmente recolher experiências de pessoas em um determinado contexto. Segundo, Abrahão (2003):

Trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher objetos ou condutas diferentes, em contextos narrativos diversos, mas, sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador (p. 85).

Uma nota importante: na época quando estudei o ciclo básico houve um determinado período que o meu sentimento para com a escola era de total repulsa, inúmeras vezes falei que ao concluir o ensino médio nunca mais pegaria num livro. É extremamente representativo para mim rememorar esta fala após tantos anos, no momento em que escrevo esta dissertação.

O objetivo desta pesquisa é contribuir com a discussão sobre educação escolar pública através da autobiografia apresentada. De acordo com Passeggi *et al* (2011), as pesquisas (auto)biográficas não objetivam

encontrar uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma às suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante o processo de biografização (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p.371).

Por ser uma autobiografia do próprio autor, não há distanciamento entre Pesquisador-Objeto de Pesquisa, estarei ao mesmo tempo exercendo os dois papéis. É importante dizer que, para Marques; Satriano (2017), as pesquisas que possuem esta característica são uma alternativa fértil para o estudo sobre o ser humano. Ambas afirmam que a narrativa autobiográfica do próprio pesquisador pode ser considerada válida e viável no campo das Ciências Humanas e Sociais (p. 369).

Na realização dessa tarefa desafiadora, as orientações individuais e coletivas, com meu grupo de pesquisa EPIS, também as conversas com pessoas amigas, possibilitaram a abertura de novos caminhos, os quais eu segui na companhia de bell hooks (2017); Nilma Lino Gomes (2017); Cida Bento (2022); Hamilton Borges dos Santos (2020); Sueli Carneiro (2011); Silvio Almeida (2020); Neusa Santos Souza (2021); Abdias Nascimento (1980; 2016); Frantz Fanon (2008); Leno Sacramento (2021); Carla Akotirene (2018); Conceição Evaristo (2016); Lázaro Ramos (2017); Carolina Maria de Jesus (2014) e Taise dos Anjos Santos (2019).

Em *Peles negras máscaras brancas*, Fanon (2008) diz que “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal, uma vez que em torno do corpo negro reina sempre uma atmosfera densa de incertezas” (p.104). Lendo este recorte eu me conecto com os momentos que foram mais difíceis durante o processo, quando as incertezas atrapalhavam a fluidez das ideias, provocando desânimo em alguns momentos, travando a escrita. Eu não conseguia pôr para fora partes da minha história de vida, com as belezas e feiuras que dela fazem parte.

É importante compreender que, de acordo com Souza e Souza (2021), as incertezas durante o ato de pesquisar

longe de ser o problema do pesquisador, são a base que ancoram ideias que surgem titubeando, que a todos parecem confusas, desnecessárias. Contudo, você sabe a força que elas possuem, a potência que carregam, então arriscar-se é um dos caminhos. São essas incertezas que te levam a um árduo processo de investigação. Certamente terá de fazer escolhas difíceis, muitas vezes se sentirá incompreendido, mas todos os investimentos são fundamentais para formação do pesquisador e sua vinculação e aderência a um campo de estudo.

Durante a caminhada, algumas pessoas com quem conversei sobre a dissertação me disseram que eu era muito corajoso e eu fiquei muito pensativo sobre isso e tenho um entendimento de que as lutas históricas do movimento negro, a partir das suas várias formas de organização, me fazem enxergar a minha história dentro da complexidade na qual ela está envolvida, eu não retinha outra história para contar senão esta. Portanto, afirmo que não se trata de coragem. Encontrei um trecho de um diálogo da jornalista Tânia Regina Pinto, do Primeiros Negros¹, onde ela diz o seguinte:

É a nossa história, mas é a nossa história contada de um modo diferente. A nossa proposta é resgatar a nossa humanidade roubada. Então, quando nós contamos a história dos nossos pioneiros, nós não contamos uma história toda bonitinha, toda cheia de frufu. Nós contamos a história da vida real.

Nossas histórias, quando contadas, testemunham as contradições do mundo branco e denunciam os comportamentos mais criminosos da branquitude, que têm em seu protocolo comportamental a tentativa de calar a nossa voz. Recontar a história sob nossa perspectiva, através das diversas formas possíveis, é um ensinamento de resistência para a honra à memória dos nossos ancestrais.

Nesse sentido, encontrei um caminho para pensar sobre a narrativa da minha história a partir do conceito de escrevivência, que segundo Evaristo (2020)

em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de

¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DACDzFQvDVp/>, acesso em: 20/05/2024

mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p.11).

Vale compartilhar uma fala da autora numa entrevista concedida durante o programa Roda Viva (Youtube, 2021). Na ocasião, em um determinado momento ela discorreu sobre as especificidades epistemológicas da literatura das mulheres negras e usou como exemplo um questionamento que geralmente muitas pessoas fazem sobre o conceito de escrevivência: ele pode ser considerado uma escrita narcísica? De acordo com Evaristo, não é possível fazer esse tipo de associação por uma questão fundamental: enquanto narciso se perde no individualismo vaidoso da sua beleza (dentro dos padrões da branquitude) o reconhecimento da beleza da população negra afro-brasileira é fruto de um processo de autoafirmação a partir de diversas ações constituídas na coletividade do movimento negro. Diante disso, segundo a autora, a escrevivência não representa a história de um sujeito e sim de uma coletividade, pode ser pensada a partir dos mitos afro-brasileiros, dos quais ela utilizou como exemplo, os espelhos de Oxum e de Nanã.

*Exalou o perfume dela
Exalou o perfume dela
Eu vou seguindo o Ilê Aiye
Pra ver se encontro com ela
Exalou o perfume dela
Exalou o perfume dela
Eu vou seguindo o Ilê Aiye
Pra ver se encontro com ela*

*Minha linda preta eu deito e acordo pensando em você
Levanto um louquinho somente pra tiver
Tá difícil de te esquecer (de te esquecer)
Você é a estrela negra que brilha pra mim
É a rosa mais linda do meu jardim
Uma paixão que nunca tem fim (que nunca tem fim)
Me pegue, me abrace, me beije faça o que quiser
Eu sei que você é uma linda mulher*

*E eu estou pro que der e vier
Eu já disse exalou*

*Exalou o perfume dela
Exalou o perfume dela
Eu vou seguindo o Ilê Aiye
Pra ver se encontro com ela*

*A noite mais esperada e estrelada é da beleza negra
A noite mais esperada e estrelada é da beleza negra
Vai eleger a Deusa do Ébano
Uma negra forte cheia de riqueza
Que vai reinar o ano inteiro
Representando a raça negra
Ilê casa forte, tambor, candomblé, canta para orixá
Ilê casa forte, tambor, candomblé, canta para orixá
Povo de santo de mãos dadas ninguém vai nos derrubar
Povo de santo de mãos dadas ninguém vai nos derrubar
Eu já disse exalou*

*Exalou o perfume dela
Exalou o perfume dela
Eu vou seguindo o Ilê Aiye
Pra ver se encontro com ela*

(Negras Perfumadas, Ilê Aiyê)²

De acordo com Ferreira (2013), a memória constitui um elemento indispensável à construção de uma identidade nacional. Para a autora, é a memória que

atualiza impressões ou informações passadas e recompõe ou compõe sua história. Numa civilização marcada pela oralidade como a africana, a acumulação de elementos na memória faz parte do cotidiano, como garantia de manutenção de suas identidades, por meio da transmissão de bens culturais (p.13).

As reflexões que faço sobre memória se baseiam sobretudo na perspectiva apresentada por Ecléa Bosi (2003); Joseph Ki-Zerbo (2006); Le Goff (1994); Pollak (1992); Kilomba (2019). Nesse sentido, compreendemos seu grande poder propulsor, bem como reiteramos a necessária sutileza no seu trato.

1.3 OUTROS REENCONTROS

² Disponível em
<<https://open.spotify.com/intl-pt/track/5ynFXlaQ2dl863bEDkmaF0?si=c885823889cb4bfc>>

*Sem memória e sem destino
eu ergo o braço cego ao sol
de um mundo meu,
meu só.
me reflito, o pé descalço,
mão de lixa a roupa rota,
o sujo, o pó, o pó, o pó
(O trem, Gonzaguinha).³*

A autobiografia apresentada é composta por lembranças que carrego por anos e outras que só recordei durante o processo de autobiografização, algumas delas permaneceram intactas, outras passaram por um processo de reelaboração e ganharam sentidos diferentes da maneira como eram enxergadas anteriormente. Segundo Freitas e Galvão:

O recurso à narrativa autobiográfica inscreve-se na ideia de que, ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, tentando que essa análise ponha em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos apercebido (Freitas; Galvão, 2007, p. 220).

É importante dizer que a memória é constituída de esquecimento e lembrança e que, de acordo com Ecléa Bosi (2004), ambos aspectos devem ser interpretados. A autora reconhece a força do movimento de recuperação da memória no âmbito acadêmico e também nos alerta sobre os riscos de acharmos que as testemunhas orais são fontes mais autênticas. Ao seu ver, há sempre no interior de uma classe uma memória coletiva com força difundidora. Ela afirma que “a memória oral também tem seus desvios, seus preconceitos, sua inautenticidade” BOSI (2004, p. 18), O que significa que, “a fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa” BOSI (2004, p. 20).

É na certeza da potência da memória para as pesquisas acadêmicas que entendo a importância da sutileza e rigorosidade. Ambas são necessárias para a interpretação daquilo que é anunciado ou se oculta, como também durante o exercício de reflexão sobre os conteúdos que compõem a narrativa autobiográfica. Souza (2007) apud Catani (2005), diz que:

As escritas das obras autobiográficas que testemunham as relações pessoais com a escola podem ser úteis como fonte

³ Disponível em

<<https://open.spotify.com/playlist/0eSNxn7C30klhdTEg287vX?si=afddd1a8b7044659>>

para a elaboração da história da educação ao traduzir sentimentos, representações e significados individuais das memórias, histórias e relações sociais com a escola (p. 60).

De acordo com Abrahão (2003, p.80), o pesquisador, ao utilizar o método autobiográfico, não tem como pretensão estabelecer generalizações estatísticas, mas compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica, tendo em vista suas “potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural”, como sugere Moita (1995), citada por Abrahão (2003, p. 81).

1.4 DURANTE O CAMINHAR SE FEZ O CAMINHO: RECURSOS E ESTRATÉGIAS DE AUTOBIOGRAFIZAÇÃO.

As dificuldades que encontrei para transcrever em palavras minhas lembranças, durante o processo de autobiografiação me obrigaram a utilizar estratégias e recursos que foram fundamentais durante o processo. Sabemos, a partir de Passeggi et al (2011), que as fotografias, os diários, as conversas informais, as gravações, são fontes que constituem a pesquisa autobiográfica.

Comecei escrevendo um texto com algumas lembranças sobre minha trajetória escolar no ciclo básico e recortes sobre a história da minha família e do bairro. A partir dele, Lygia sugeriu fazermos um bate-papo gravado para preencher algumas dúvidas que surgiram e isso que foi fundamental, pois, como disse SOUZA (2011), “a entrevista narrativa, como trabalho da memória, configura-se como singular para a apreensão de aspectos sócio-históricos e conjunturais” (p. 217). Ao escutar o bate papo, com perguntas que não foram elaboradas previamente, novos questionamentos surgiram e acabaram dando direcionamento para o desenvolvimento da autobiografia.

Através do resgate das pouquíssimas fotografias antigas busquei rememorar e recriar momentos do passado. Boa parte das fotos da minha infância e adolescência se estragaram com o tempo. Não tenho fotos de quando eu era bebê pois estas foram roubadas, junto com outros documentos, do quarto e sala que morávamos na época. Ainda assim, as fotos que consegui catar me fizeram voltar ao tempo e perceber muitas coisas novas.

As conversas informais com familiares e pessoas próximas (vizinhos, amigos, professoras, colegas de escola e do trabalho) me ajudaram a reelaborar lembranças e a dar sentido a coisas que antes não tinham. Algumas dessas pessoas são citadas nesta pesquisa. Elas estão cientes e autorizaram serem aqui nomeadas. Da mesma forma, o uso das imagens sem desfoque que trazem outras pessoas, além do pesquisador, também foram autorizadas.

As conversas aconteceram de diversas formas, dependendo das condições concretas para que pudessem ser realizadas. Com mainha, fui seguindo a partir do movimento dela, que em determinadas ocasiões demonstrava desconforto com o assunto, então eu já sabia que ali era momento de parar. Era nos momentos em que ela estava costurando algo, ou fazendo as unhas, que ela se mostrava mais disposta a falar, abaixava a cabeça e ia lembrando um monte de coisas. Já com painho a coisa era diferente, se que deixasse ele ficava o dia inteiro contando suas histórias do passado. Ele levou um tempo vindo a Salvador para cuidar da saúde e às vezes nossas conversas aconteciam nas longas horas de espera por atendimento, num hospital que fica no centro. Depois que concluí o capítulo sobre a história dos dois, fui até a Roça para lermos juntos.

Com minhas irmãs, as conversas ocorreram durante saídas para almoçar, encontros na praia e diálogos de Whatsapp. Foram momentos onde nós pudemos compartilhar algumas visões sobre a nossa história familiar. Creio que isso contribuiu de alguma forma para a nossa relação de irmãos.

Conversei também com três colegas com quem estudei durante o ensino médio. Presencialmente, por videochamada e por mensagem de whatsapp, respeitando a disponibilidade de cada um. Também encontrei alguns amigos de infância. Com eles, consegui tirar muitas dúvidas, ligar pontos, completar e pôr lembrança onde antes era esquecimento, nas minhas memórias do período da adolescência.

Outra coisa que fiz foi incluir na minha lista de reprodução musical uma série de músicas com as quais tenho uma grande relação afetiva e que me conectam com momentos diversos da minha história. A partir desta lista foi criada uma playlist no spotify.⁴ Dito isso, vamos às memórias...

⁴ Disponível em

<https://open.spotify.com/playlist/0eSNxn7C30kIhdTEg287vX?si=ad78e96817774744>

2. ANTES DE TUDO

Eu sou um homem cis, criado desde os primeiros dias no bairro de Castelo Branco, Salvador - BA. Estudei todo o meu ciclo da educação básica em escolas públicas localizadas nas proximidades de casa, entre os anos de 1986 até 1998. Após a conclusão do segundo grau, a visão que eu tinha era de que aqueles 12 anos foram um período desperdiçado e que os conhecimentos adquiridos durante a formação serviriam apenas para cumprir um protocolo da vida. Minhas expectativas futuras eram de ocupar algum posto de trabalho mal remunerado e pouco valorizado, dentro da lógica capitalista, o mais rápido possível. É necessário dizer que concluí a escola pensando em nunca mais voltar a estudar e por diversas vezes repeti que *nunca mais pegaria em um livro*.

Este sentimento de repulsa e o descrédito com a educação escolar permaneceu durante alguns anos, porém, caminhando pela vida pude compreender a importância da educação para além da sua dimensão de formação profissional, bem como passei a perceber que as barreiras para o acesso da população negra são resultado de um projeto de exclusão.

Agora, vou pedir licença e abrir um grande parêntese para compartilhar um fato recente que vi durante uma reportagem de Televisão. Na ocasião, estava sendo apresentada a história de uma estudante mineira de onze anos de idade, aluna de escola pública, que participou de uma competição internacional de ciências, a qual ficou em terceiro lugar e foi premiada com medalha de bronze. Ao final da reportagem, a garota falou uma frase que me chamou atenção. Disse ela: “você estudando, tendo uma educação boa, acho que você consegue chegar onde você quiser”. O que me chamou a atenção foi que eu esperava que a reportagem terminaria com o velho discurso da meritocracia, como acontece na grande maioria das vezes que a mídia dominante veicula histórias de “sucesso” de pessoas pobres. De todo modo, a frase da garota reproduz a consciência dividida, afinal de contas, numa sociedade de classes, a consciência (do oprimido, mas não só dele) não é totalmente lúcida, assim como também não é totalmente alienada (Patto, 2015/2022). O alcance da livre expressão se dá por um caminho cheio de

armadilhas que podem distorcer a nossa fala, fazendo com que a comunicação se dê através de “mordaças sonoras” (Patto, 2005).⁵

Ainda conectado com aquela reportagem, faço três indagações que têm a ver com o tema desta pesquisa: 1) É possível na sociedade capitalista haver espaço para todes chegarem onde querem? 2) Quem tem acesso a uma educação de qualidade (educação boa)? 3) Como os atravessamentos de uma sociedade constituída com base na reprodução de opressões como racismo, desigualdade e diversos preconceitos, limitam ou ampliam as “escolhas” de determinadas pessoas?

Sabemos que os interesses da classe dominante interferem não só na história, mas também na maneira como ela é contada oficialmente. Impedir a fala de quem está submetido a uma condição subalterna (Spivak, 2010) é uma forma de barrar o compartilhamento de visões de mundo, gerar novas indignações e apontar realidades, e tudo mais que aponta as inconsistências e revela as intencionalidades de quem detém o poder.

Este trabalho foi construído com a força da coletividade e só assim pude superar os obstáculos, as inseguranças, dúvidas, e os medos, que apareceram durante o caminho. Ao desbravar esta mata fechada muitas lágrimas e gestos de solidariedade e de afeto foram surgindo.

*Coração abre essa porta
E pouco importa se é pra sofrer
Deixa entrar a vida
Vale mais é viver.
Vale mais o trem das cores
Que uma existência pode perceber
Vale nada porta fechada
Festa acabada
Melhor morrer.*

*Melhor a emoção de tudo
Que acontece em volta da gente
Melhor chorar saborosamente por que viver.*

*Coração não tenha medo
Pela porta aberta vai entrar a vida
Com tudo que ela tem direito e você também*

⁵ Na ocasião em que Patto fez esta afirmação, sua principal intenção foi promover uma crítica ao lugar que a Psicologia ocupa numa sociedade dividida. Segundo ela, inspirada em Sartre, em prefácio ao livro de Fanon, é um lugar de silêncio ideológico, silêncio este que não tem a ver com uma ausência de fala, mas por uma fala que é proferida através de mordaças, uma fala dominada por muitos não ditos e que conseqüentemente produz uma naturalização do real.

(Coração, Gonzaguinha).⁶

Considero que faz sentido dizer que há alguns anos atrás eu participei da pesquisa de mestrado do meu querido amigo, Paulo Cardoso (2018). Na ocasião, respondi a uma entrevista semiestruturada sobre atuação de psicólogas numa unidade de internação de adolescentes e jovens que cometeram ato infracional. A experiência de ser participante da pesquisa de grande importância para o campo da socioeducação foi gratificante, porém fiquei com a sensação de que não pude comunicar com precisão os sentimentos que me atravessavam, enquanto trabalhador do chão de uma CASE. Portanto, esta pesquisa, para além dos objetivos que buscamos, representa um movimento que esperamos ver se repetir mais frequentemente nas universidades deste país: que cada vez mais outras pessoas, que assim como eu tiveram suas trajetórias marcadas pela exclusão, possam contar suas versões da história.

Outra coisa importante é que durante a qualificação desta pesquisa, a professora Eliane Costa fez um alerta sobre uma afirmação que fiz ao dizer que minha intenção nunca foi a de produzir verdades absolutas a partir da história narrada. Ela nos cutucou ao dizer que há verdades que são absolutas, um exemplo delas é o racismo.

⁶ Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/4CSXQmQSsIPkFBgySkYKpn?si=fa853c4e0e9f4cfd>.

3. UM POUCO ANTES DO DEPOIS

Para falar de mim preciso falar de quem veio antes, por isso, inicio este capítulo contando um pouco das histórias de mainha e painho.

Eles se conheceram depois que ambos migraram do interior do estado para a capital, suas lembranças do passado descrevem um cotidiano atravessado pela luta por sobrevivência em contextos de extrema pobreza. Saíram do interior do estado com o desejo de alcançarem sonhos, dos quais alguns se tratavam de direitos que sempre lhes foram negados. Vieram em busca de uma “vida melhor” com toda coragem de pagar o preço da mudança.

*O povo sabe o que quer
Mas o povo também quer o que não sabe
O povo sabe o que quer
Mas o povo também quer o que não sabe
O que não sabe, o que não saberia
O que não saboreia porque é só visão
E tão somente cores, a cor do veludo
Ludo, luz, brinquedo, ledão engano, tele
Teletecido à prova de tesoura
Que não corta, não costura, que não veste
Que resiste ao teste da pele, não rasga
Nunca sai da tela, nunca chega à sala*

*Que é pura fala, que é beleza pura
É a pura privação de outros sentidos tais
Como o olfato, o tato e seus outros sabores
Não apenas cores, mas saliva e sal
Veludo em carne viva, nutritiva
Não apenas realidade virtual
Veludo humano, pano em carne viva
Menos realce, mais vida real
O povo sabe o que quer
Mas o povo também quer o que não sabe
O povo sabe o que quer
Mas o povo também quer o que não sabe*

*O que não sabe, o que não saberia
Porque morreria sem poder provar
Como provar a pilha com a ponta da língua
Receber o choque elétrico e saber
Poder matar a fome é pra quem come, é claro
Não apenas pra quem vê comer
Assim feito a criança pobre esfarrapada
Come feijoadada que vê na TV*

*Essa criança quer o que não come
Quer o que não sabe, quer poder viver
Assim como viveu um Galileu, um Newton*

*E outros tantos muitos pais do amanhã
Esses que provam que a Terra é redonda
E a gravidade é a simples queda da maçã
Que dão ao povo os frutos da ciência
Sabores sem os quais a vida é vã
O povo sabe o que quer
Mas o povo também quer o que não sabe
O povo sabe o que quer
Mas o povo também quer o que não sabe
(Gilberto Gil, Rep).⁷*

Acho que durante muito tempo a imagem que eu fazia sobre a infância e adolescência dos meus pais foi tomada pelo sentimento de afeto que tenho pela Roça e por causa disso, mesmo sabendo das dificuldades que eles passaram, me faltava um olhar mais sensível e capaz de identificar as reais dificuldades que eles passaram. Quando apurei minha escuta, pude visualizar o passado de ambos de outra forma, o que me ajudou a entender melhor algumas de suas preocupações, visões de mundo e perspectivas de futuro, inclusive aquelas depositadas a mim e minhas irmãs.

Tanto Mainha quanto Painho nunca souberam muitos detalhes sobre a vida de seus pais e avós. Lendo o romance Ponciá Vicêncio (Evaristo, 2013) fiquei muito tocado com a maneira como Conceição Evaristo retrata, a partir da história de uma mulher negra, a luta ancestral de uma família para sobreviver desde o período escravista até os seus dias.

A relação de Ponciá com o seu avô é um exemplo do quão sensível é a formação da nossa identidade. “O pouco tempo de convivência de ambos foi suficiente para que ela guardasse algumas das marcas dele” (Evaristo, 2013, p.12).

Na qualificação desta pesquisa, o Prof. José Eduardo fez uma fala sobre como as perdas objetivas e subjetivas, decorrentes da falta de elementos importantíssimos da nossa história, nos impõem a fabulação como um exercício permanente que visa dar sentido às nossas memórias fraturadas: “É muito doido a gente olhar para trás e não ter o que se apegar no sentido material da história e isso é muito doido porque mexe com a nossa saúde mental e mexe com o nosso senso de pertencimento”.

⁷ Disponível em,
<https://open.spotify.com/intl-pt/track/5XVdKxfQogY3CGAThvix8h?si=0171728dba5a47e1>.

Tanto a fala do professor José Eduardo, quanto a mensagem passada por Conceição Evaristo, me conectam com este sentimento de falta de não saber partes significativas da história da minha família, daqueles que vieram antes de mim e também fazem parte de quem sou.

3.1 RECÔNCAVO, SERTÃO, METRÓPOLE: PEQUENOS PASSOS DE UMA HISTÓRIA DISTANTE – “É A DIÁSPORA NA DIÁSPORA”.

Aganju, Xangô
Alapalá, Alapalá, Alapalá
Xangô, Aganju
O filho perguntou pro pai
"Onde é que 'tá o meu avô
O meu avô, onde é que 'tá?"
O pai perguntou pro avô
"Onde é que 'tá meu bisavô
Meu bisavô, onde é que tá?"
Avô perguntou "ô bisavô
Onde é que 'tá tataravô
Tataravô, onde é que 'tá?"
Tataravô, bisavô, avô
Pai Xangô, Aganju
Viva Egum, babá Alapalá
 (Babá alapalá, Gilberto Gil, 1977).⁸

Os quase quatro séculos de escravidão influenciaram completamente a estrutura da nossa sociedade e o modo como se configura o racismo no Estado brasileiro (Santana Filho; Germani; Giudice, 2013). Neste contexto, inumeráveis práticas racistas que se perpetuam durante anos, algumas rudimentares e escrachadas, outras delicadamente dissimuladas, fazem parte da estrutura social do nosso país e favoreceram a manutenção do racismo em detrimento de toda a diversidade dos povos não-brancos que habitam este território (Costa, 2015).

A Lei 3.353 no dia 13 de Maio de 1888, cujo texto decreta o fim da escravidão no Brasil, não veio acompanhada por políticas de reparação para a população negra, ela foi apenas um “simulacro de liberdade”, no dia seguinte a nossa gente foi jogada ao léu.

⁸Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/2sxMo1q9kad30CdtNslkXY?si=da5b96ebbedd4a33>.

*No dia 14 de maio, eu saí por aí
 Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir
 Levando a senzala na alma, eu subi a favela
 Pensando em um dia descer, mas eu nunca desci
 Zanzei zonzó em todas as zonas da grande agonia
 Um dia com fome, no outro sem o que comer
 Sem nome, sem identidade, sem fotografia
 O mundo me olhava, mas ninguém queria me ver*

*No dia 14 de maio, ninguém me deu bola
 Eu tive que ser bom de bola pra sobreviver
 Nenhuma lição, não havia lugar na escola
 Pensaram que poderiam me fazer perder
 Mas minha alma resiste, meu corpo é de luta
 Eu sei o que é bom, e o que é bom também deve ser meu
 A coisa mais certa tem que ser a coisa mais justa
 Eu sou o que sou, pois agora eu sei quem sou eu
 Será que deu pra entender a mensagem?*

*Se ligue no Ilê Aiyê
 Se ligue no Ilê Aiyê
 Agora que você me vê
 Repare como é belo*

*Êh, nosso povo lindo
 Repare que é o maior prazer
 Bom pra mim, bom pra você
 Estou de olho aberto
 Olha moço, fique esperto
 Que eu não sou menino
 (Lazzo Matumbi, 14 de Maio).⁹*

A música 14 de maio descreve perfeitamente o real sentido da abolição da escravatura no Brasil, a exclusão.

A organização do Estado brasileiro se deu com base na exclusão socioeconômica e espacial da população de africanos e seus descendentes (Santana Filho, Germani; Giudice, 2013), que até os dias de hoje vivem em sua grande maioria nos territórios mais precarizados do país.

3.2 O PEQUENO BURGUESES

No ano de 1971, no auge do regime ditatorial militar e a menos de um século da decretação da lei Áurea, meu pai saiu do seu município de origem,

⁹ Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/album/4fuugjijNvhgxnVNH6zT7a?si=fsP67Ja5QRu5kn6T3iJzNA>

São Francisco do Conde - BA, para tentar a sorte em Salvador. Na época, com 20 anos de idade, ele tinha toda disposição para correr atrás de direitos e oportunidades que eram impossíveis de serem alcançadas na sua cidade de origem, sendo que as principais eram conseguir um trabalho com as garantias previstas na Consolidação das Leis do Trabalho - CLT (um trabalho de carteira assinada), concluir o ciclo escolar básico (Direito à Educação) e realizar o sonho de ter uma casa própria (Direito à moradia).

Durante a infância e boa parte da juventude, ele conviveu com a pobreza extrema junto com sua mãe e seus seis irmãos, morando num barraco feito de pau a pique dentro das terras da Usina Santa Elisa, onde seu avô de criação trabalhou. Ele e os irmãos, desde muito cedo se viravam de diversas formas, fosse no trabalho árduo na produção de azeite de dendê, ou na caça de animais diversos, para driblar a fome que os perseguia cotidianamente, coisa que nem sempre era possível. Sua criação foi marcada por castigos físicos e psicológicos recorrentes, praticados pelos pais ou até mesmo pela professora, durante a infância e adolescência.

Algumas de suas lembranças dolorosas me emocionam e ele as narra sem manifestar qualquer sentimento de revolta. Ao contrário disso, sorri demonstrando ter se familiarizado com a dor ao ponto de nem perceber os danos causados por ela. Pode ser também que essa seja a sua forma de tornar leve coisas difíceis que lhe causam bastante peso. Em suas palavras, eu identifico devoção à minha avó, gratidão aos irmãos e o respeito ao seu pai.

Minha avó, a velha Mamãe Dina, *in memoriam*, era mãe solo de sete filhos, todos frutos de um relacionamento que começou quando ela era uma adolescente de 16 anos de idade. Meu avô era casado com outra pessoa e residia em Santo Amaro da Purificação - BA, trabalhava na usina e tinha uma vida razoável com a esposa e filhos.

Mesmo vivendo num contexto com tantas dificuldades, dentre elas a de manter a frequência escolar, meu pai conseguiu concluir o ensino primário. Ele conta que dividia a farda da escola com o irmão que estudava no turno oposto, sendo que a troca da camisa suada era feita no meio do caminho. História semelhante é contada na Tese de Cacio Romualdo Conceição da Silva (2023), onde uma das entrevistadas narra sua correria da troca da camisa. Ele tentou

por duas vezes a admissão ao ginásio¹⁰, mas na época o curso era ofertado em instituições privadas e, por conta disso, ficou impedido de continuar os estudos por alguns anos.

Quando chegou aqui, seu primeiro emprego foi como ajudante de pedreiro na construção de um edifício. Naquela época, seu corpo era tão franzino que o encarregado hesitou em lhe contratar, alegando que o vento poderia derrubá-lo dos andares superiores. Tempos depois, quando já estava trabalhando numa fábrica, ele fez o ginásio através de um curso supletivo. Passaram-se alguns anos e sua vontade de concluir o ensino básico continuava firme. Tentou ingressar na polícia militar, mesmo indo de encontro à própria vontade, pois a profissão de soldado o possibilitaria conciliar trabalho e estudo. Porém, o resultado de um dos testes de saúde detectou traço de uma possível picada do besouro que é conhecido como barbeiro, hipótese que não fora confirmada posteriormente em outros exames realizados por ele, mas que o impediu de continuar no processo seletivo.

Os anos foram passando, veio a família, os filhos e o sonho de concluir sua formação básica deu lugar para outras necessidades mais urgentes da vida. Painho, além de uma figura sorridente, é também uma pessoa cantante e era nos momentos que estava trabalhando na construção da casa ou durante o banho que ele aproveitava para colocar em prática o seu repertório, que variava entre músicas de Luiz Gonzaga, Roberto Carlos, cânticos católicos e sambas. Uma de suas músicas preferidas se chama “O pequeno burguês” de Martinho da Vila, cuja letra fala das agruras vividas por um trabalhador estudante.

*Felicidade, passei no vestibular
Mas a faculdade é particular
Particular, ela é particular
Particular, ela é particular
Livros tão caros tanta taxa pra pagar
Meu dinheiro muito raro*

¹⁰ O exame de admissão para o ginásio era uma das formas de distinção entre os alunos que iriam conseguir formar-se no ensino secundário ou magistério e os que iriam formar-se no profissional. Este "desencorajamento" colocado pelo próprio sistema de ensino da era Vargas, provocava uma grande evasão escolar. Os jovens das classes populares encontravam diversas dificuldades para conseguir concluir seus estudos, não conseguindo por inúmeros motivos permanecer na escola. Para os que escapavam da evasão, seu caminho por regra era passar do nível fundamental aos diversos cursos profissionalizantes de nível técnico, encerrando dessa forma sua trajetória escolar (Couto, 2007).

Alguém teve que emprestar
 O meu dinheiro, alguém teve que emprestar
 O meu dinheiro, alguém teve que emprestar
 Morei no subúrbio, andei de trem atrasado
 Do trabalho ia pra aula, sem
 Jantar e bem cansado
 Mas lá em casa à meia-noite tinha
 Sempre a me esperar
 Um punhado de problemas e criança pra criar
 Para criar, só criança pra criar
 Para criar, só criança pra criar
 Mas felizmente eu consegui me formar
 Mas da minha formatura, não cheguei participar
 Faltou dinheiro pra beca e também pro meu anel
 Nem o diretor careca entregou o meu papel
 O meu papel, meu canudo de papel
 O meu papel, meu canudo de papel
 E depois de tantos anos
 Só decepções, desenganos
 Dizem que sou um burguês
 Muito privilegiado
 Mas burgueses são vocês
 Eu não passo de um pobre-coitado
 E quem quiser ser como eu
 Vai ter é que penar um bocado
 Um bom bocado, vai penar um bom bocado
 Um bom bocado, vai penar um bom bocado
 Um bom bocado, vai penar um bom bocado
 (O pequeno burguês, Martinho da Vila).¹¹

A gente canta aquilo que nos toca, aquilo que tem a ver com a gente, cantamos sonhos, desejos, alegrias e frustrações. Numa sociedade que nos impõe tantas prisões, muitas vezes é na canção que se encontra nosso curto momento de alívio.

3.3 SER/TÃO PRESENTE

Lá no meu pé de serra
 Deixei ficar meu coração
 Ai, que saudades tenho
 Eu vou voltar pro meu sertão
 No meu roçado trabalhava todo dia
 Mas no meu rancho tinha tudo o que queria
 Lá se dançava quase toda quinta-feira
 Sanfona não faltava e tome xote a noite inteira
 O xote é bom
 De se dançar
 A gente gruda na cabocla sem soltar

¹¹Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/4a0A9iflserx6tOM3lgTSg?si=51b3e5f05d7b40d8>.

Um passo lá
 Um outro cá
 Enquanto o fole 'tá tocando
 'Tá gemendo, 'tá chorando
 'Tá fungando, reclamando sem parar
 Lá no meu pé de serra
 Deixei ficar meu coração
 Ai, que saudades tenho
 Eu vou voltar pro meu sertão
 No meu roçado trabalhava todo dia
 Mas no meu rancho tinha tudo o que queria
 Lá se dançava quase toda quinta-feira
 Sanfona não faltava e tome xote a noite inteira
 O xote é bom
 De se dançar
 A gente gruda na cabocla sem soltar
 Um passo lá
 Um outro cá
 Enquanto o fole 'tá tocando
 'Tá gemendo, 'tá chorando
 'Tá fungando, reclamando sem parar
 (No meu pé de serra, Luiz Gonzaga).¹²

Mainha nasceu em Alto dos Santos, um povoado que fica localizado no distrito de Tiquaruçu, na zona rural de Feira de Santana - Bahia. Lá em casa, a gente chama simplesmente de Roça. É um lugar onde as pessoas vivem principalmente da agricultura de base familiar, e mesmo vivendo com a dura realidade da negação de direitos fundamentais, elas são bastante acolhedoras. Tenho muitas lembranças da infância e adolescência dos períodos das férias escolares quando nós viajavamos para lá.

Era uma maravilha passar as férias no interior! Nossa felicidade era tão grande que a gente ia cantando dentro do ônibus durante toda a viagem, até mesmo após o desembarque no “ponto da cachorra”. A cantoria continuava durante a longa caminhada na estrada de terra que nos levava até a casa de Dona Josina *in memoriam* (minha avó).

Eu adorava desbravar e ir a lugares distantes caminhando pela roça. Corria tudo quanto era canto, ia na casa de Margarida, que morava lá do outro lado, distante de tudo. Lembro que no trajeto tinha riacho, pasto, cheiro de terra molhada, cascalho, “corre, pega a galinha!”, pavão, boi, carneiro, besouro, “como é o nome desse besouro?” “cavalo do cão”.

¹²Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/3tJatYZIJDvW4DbD3GgJIE?si=bd795fdc6d8f46de>.

Tinha vezes que vó saía à noite e a gente pedia para ir com ela:

- Vai pra onde, vó?
- Vou ali rezar a novena, pro lado da chapada.
- A gente pode ir?
- É longe!
- A gente vai assim mesmo.

Vó saía com o candeeiro na cabeça, a gente ia atrás com medo do escuro, do lobisomem e da caipora. Como ela sabe que estamos indo no caminho certo?

- “Que é aquilo alí, Vó?”
- “É um sapo menino, caminha!”

Além do candeeiro, a única luz que clareava era a luz da lua e o céu era tão cheio de estrelas que não dava vontade de parar de olhar.

Êta que bateu uma saudade danada da velha Josina, lembrei agora de quando ela teve que passar uns dias lá em casa, para fazer umas consultas médicas aqui em Salvador. A coitada ficou totalmente contrariada, passava dias de cara fechada, sem falar com ninguém. De vez em quando, eu levava ela para caminhar e lembro que numa dessas ocasiões ela me falou, “tu é abusado, mas até que eu gosto de tu”.

Voltando a falar de mainha, ela, junto com sua família (meus avós, uma irmã e dois irmãos), viveu numa casa de taipa que ficava nas terras que herdaram de meus bisavós, os quais mainha não tem muitas informações de como chegaram e se estabeleceram.

Meu avô Gregório, *in memorian*, trabalhava tocando o gado para algumas fazendas localizadas em municípios vizinhos, enquanto que minha avó cuidava da terra e dos animais que eles possuíam. Ela ia sempre acompanhada dos filhos que, desde muito cedo, labutaram na mandioca, no transporte de água, por quilômetros, na cabeça; na criação de galinhas e de porcos, entre outras tarefas, sendo que na medida que iam se desenvolvendo, as responsabilidades também aumentavam.

Junto a este cotidiano vivido com muita naturalidade, mas árduo, a seca era algo que tornava a vida ainda mais difícil. Muitas vezes, tiveram que beber água no mesmo lugar que os animais bebiam. Uma vez perguntei como era a

vida naquela época, ela me respondeu com a seguinte frase:“Fome a gente não passou, mas a dificuldade era muita”.

Tanto mainha quanto seus irmãos não tiveram a oportunidade de frequentar a escola de forma regular. Ela chegou a ser alfabetizada, porém só conseguiu concluir o ensino primário quando se mudou para Salvador. Na medida que ela foi crescendo e que foram surgindo algumas das necessidades da juventude, cuja falta de dinheiro a impedia de suprir, ela resolveu vir para Salvador seguindo os passos de sua irmã mais velha, mesmo cheia de medos, mas com a esperança de uma vida melhor.

Quando chegou em Salvador, ela tinha 24 anos de idade. Veio para trabalhar como babá, numa época em que os debates para reconhecimento da profissão das trabalhadoras domésticas estavam se iniciando, mas a regulamentação dos direitos dessa categoria, que ainda nos dias de hoje carrega muitos traços da escravidão, não era nem sonho.

Ela residia no trabalho, num apartamento de uma família de classe média, localizado na Barra. Deve ter sido difícil para ela se adaptar à mudança. Essa sua primeira passagem por Salvador foi curta e em poucos meses ela teve que voltar para a roça, por circunstâncias que falarei mais adiante.

Eu acredito que mainha nunca quis vir para Salvador e que ela nunca se sentiu confortável, nunca se acostumou com a dinâmica desta cidade. Quando a gente viajava para a roça, mainha era uma pessoa totalmente diferente, a felicidade estampava em seu rosto, era lá que ela se reencontrava com o seu coração.

3.4 DES/ENCONTROS, CON(M)TRADIÇÕES, DES/CAMINHOS E CONVIVÊNCIA FAMILIAR

Meus pais se conheceram quando ambos tinham 24 anos de idade no ano de 1974, num dia em que aproveitavam uma folga do trabalho na praia do Porto da Barra. Depois disso, se encontraram outras vezes, mas logo em seguida perderam o contato. Simultâneo a isso, Mainha foi demitida do seu trabalho de babá e retornou para a sua cidade, por isso sua passagem por Salvador foi tão rápida.

Duas semanas após ter retornado para Roça, ela descobriu que estava grávida e imaginou que criaria seu bebê sozinha por não saber o paradeiro do meu pai, e com o receio, historicamente justificável, de que se o procurasse ele não assumiria a paternidade.

Na roça e sob os cuidados das mulheres da família e vizinhas da comunidade ela teve uma menina linda e ambas foram muito bem acolhidas. Depois que minha irmã completou um ano de idade, minha mãe precisou voltar para Salvador para trabalhar novamente em “casa de família”, já que na Roça ela não tinha como conseguir dinheiro para suas despesas.

Eis que num dia de feriado de semana santa, ela e meu pai se reencontraram ocasionalmente no Terminal Rodoviário de Salvador e a partir desse dia nunca mais se separaram. Painho foi à roça para conhecer a filha. No momento que foi apresentado a meu avô, o velho largou logo uma injúria e disse “eu não tenho parente nego não”. Painho ficou de boa, disse que entendia as razões do velho e esperou o tempo até os dois se acertarem.

Meses depois, meus pais alugaram uma casa e se mudaram para Salvador, trazendo junto minha irmã. Em 1978, nasceu a segunda filha e, antes mesmo dela fazer um ano de idade, eu também nasci para completar a família. A essa altura, eles já haviam comprado um terreno no bairro de Castelo Branco. Lá construíram um pequeno barraco (quarto e sala) para onde nos mudamos. Foi em Castelo Branco que convivemos até 2010, quando meus pais se mudaram para a Roça.

Enfrentamos uma realidade comum às pessoas que moram em bairros de periferia localizados distantes dos centros urbanos, de péssimas condições de moradia, problemas de mobilidade, falta de acesso a diversos outros serviços básicos, falta de infraestrutura e exposição às diversas faces da violência e da exclusão generalizada, cujas suas raízes estão fincadas nas profundezas do racismo.

A religião era o que mantinha acesa a chama da esperança. Painho era católico e nos obrigava a seguir a doutrina de ir à igreja aos domingos e respeitar os mandamentos cristãos. Diante disso, eu e minhas irmãs fizemos catequese e primeira comunhão. Elas também fizeram crisma, sacramento pelo qual me recusei.

Além de ser católico praticante, paião era muito rígido com nós três. A palmatória, o cinto de couro cru e a pedagogia da ameaça faziam parte dos seus instrumentos disciplinares. Mainha era mais de boas, mas também quando se retava, era barril.

Tem algumas lembranças daquela época que me remetem a um sentimento parecido com algo descrito por bell hooks no livro, “Ensinado a Transgredir”. No capítulo “A teoria como prática libertadora”, ela fala sobre os castigos físicos que recebia dos pais por não ser compreendida nas suas visões de mundo. Foi isso que a impulsionou a teorizar diante das dores e do estranhamento acerca dos seus genitores. Ela usou uma frase que bateu certo por aqui: “vivendo na infância sem ter a sensação de um lar” (hooks, 2017, p. 85).

Imagem 01: Eu aos dez anos de idade durante a primeira comunhão.



Fonte: Arquivo pessoal

Outra coisa que hooks comenta é sobre o esforço de seus pais para manter a norma patriarcal. Lá em casa não era diferente, havia a conservação dos valores e estereótipos da chamada família tradicional cristã. Painho era o “chefe” da casa, era quem administrava o dinheiro, quem pagava as contas, fazia supermercado, etc., além de outras tarefas. Mainha cuidava do trabalho doméstico e das crianças. Estas atividades eram nitidamente consideradas de menor valor.

Painho trabalhava como despachante numa empresa de ônibus. Vivia fazendo horas extras. Vendeu as férias por nove anos consecutivos, para comprar os materiais da construção da nossa casa, cuja obra foi realizada por ele, mesmo sem nunca ter trabalhado como pedreiro. Como não tinha condições de pagar um profissional da área, tocava a obra com o pouco conhecimento adquirido do tempo em que foi ajudante de pedreiro, e também

tirando as dúvidas com outras pessoas. E já que ele era o pedreiro, seu filho, era o ajudante.

O mercado do mês também era feito por ele, sendo que eu o acompanhava com um carro de mão carregado com as compras, geralmente por uma manhã inteira, pois ele corria diversos mercados procurando os produtos em promoção. Ele também acompanhava a nossa vida escolar e corrigia nossos exercícios, muitas vezes ainda cansado, depois de um dia inteiro de trabalho.

Imagem 02: Painho indo para o trabalho



Fonte: Arquivo pessoal.

Mainha não parava um minuto sequer, era o tempo todo trabalhando em casa, cuidando da gente e trabalhando de outras formas para fazer a renda

doméstica render. Ela vendia abafabanca¹³ e geladinho. Com o lucro deste comércio, uma parte ela comprava pão, outra guardava e quando a coisa apertava sempre tinha de onde tirar. No final do ano, ela comprava passagens para nos levar para a Roça. Outra estratégia que ela tinha para economizar era fazendo os lanches que levávamos para a escola, e também produzindo as roupas que nós vestíamos nos períodos de festas.

Imagem 03: Mainha na cozinha



Fonte: Arquivo pessoal.

Já faz alguns anos que meus pais moram na roça. Depois que mainha herdou umas terras de vó, ambos decidiram construir uma casa, inicialmente para ter um lugar onde ficar por alguns dias, principalmente nos períodos de plantação. Mas, não demorou muito para eles se mudarem de vez.

Escrevendo esta autobiografia, diversas vezes consultei os dois sobre suas histórias. Num dia em que eu estava lá, lemos juntos tudo que escrevi sobre ambos e depois perguntei como eles se sentiam ao olhar para o passado e rememorar suas histórias e como eles se sentiam por retornarem à vida no

¹³ Abafabanca é um gelo saborizado, feito com suco de fruta.

campo. Ambos ao me responderem demonstraram contentamento em suas falas e isto me trouxe paz.

3.5 TEMPO E FLECHA¹⁴

Minhas irmãs são duas pessoas de personalidades bastante diferentes uma da outra. Eu vejo isto como uma questão que me favoreceu, já que ambas foram minhas maiores influenciadoras durante meus primeiros anos de existência e muito da forma como enxerguei o mundo, durante a infância, foi com base em suas lentes.

Zi é a primogênita da família. Nós nascemos no mesmo dia, em anos diferentes, sendo que ela é quatro anos mais velha. Lia me viu nascer antes mesmo dela completar um ano de idade. Nós estudamos nas mesmas escolas até o período ginásio. Se eu tivesse que definir cada uma com uma palavra, o que é uma tarefa impossível, posso dizer, mesmo estando equivocado, que Zi me remete ao substantivo “Tempo”, por conta da forma como ela conversa com este senhor.

*Batidas na porta da frente
É o tempo
Eu bebo um pouquinho pra ter
Argumento
Mas fico sem jeito calado, ele ri
Ele zomba do quanto eu chorei
Porque sabe passar
E eu não sei
Num dia azul de verão
Sinto o vento
Há folhas no meu coração
É o tempo
Recordo um amor que perdi
Ele ri
Diz que somos iguais
Se eu notei
Pois não sabe ficar
E eu também não sei
E gira em volta de mim
Sussurra que apaga os caminhos
Que amores terminam no escuro
Sozinhos
Respondo que ele aprisiona*

¹⁴Disponível em :

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/52GxB5zycINmFwCzAiY2mj?si=478fba8709fe4198>

*Eu liberto
 Que ele adormece as paixões
 Eu desperto
 E o tempo se rói
 Com inveja de mim
 Me vigia querendo aprender
 Como eu morro de amor
 Pra tentar reviver
 No fundo é uma eterna criança
 Que não soube amadurecer
 Eu posso, ele não vai poder
 Me esquecer
 Respondo que ele aprisiona
 Eu liberto
 Que ele adormece as paixões
 Eu desperto
 E o tempo se rói
 Com inveja de mim
 Me vigia querendo aprender
 Como eu morro de amor
 Pra tentar reviver
 No fundo é uma eterna criança
 Que não soube amadurecer
 Eu posso, e ele não vai poder
 Me esquecer
 No fundo é uma eterna criança
 Que não soube amadurecer
 Eu posso, ele não vai poder
 Me esquecer*

(Resposta ao tempo, Cristovão Bastos e Aldir Blanc).¹⁵

Foi Zi, durante alguns anos, quem tomou conta de mim e de Lia, na ausência de nossos pais. Eles, como já falei, nos criaram de uma maneira que em alguns momentos extrapolava os limites do cuidado, e para nos proteger das surras e castigos, ela era sagaz.

Quando painho me colocava de joelhos e de braços abertos no canto da cozinha, ela ficava tucalhando¹⁶ para que eu pudesse descansar quando ele se afastava. Era também quem escondia a palmatória e várias vezes me fez escapar das surras, pois ela respondia os meus exercícios escolares antes de painho corrigi-los. Sendo destra, usava a mão esquerda para que a escrita ficasse parecida com a minha caligrafia. Com isso ela nos ensinava a sua forma de desobediência.

¹⁵Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/0rJrH6Zct1sJGts6Rcs8yC?si=e2ee2e7652aa44b4>.

¹⁶ Era o jeito que mainha se referia a Tocaia que Zi fazia para mim.

A coitada era obrigada a nos levar para as poucas festas de adolescentes da sua idade que participava. Era a estratégia que painho usava para controlá-la, mas acontece que ele não tinha noção da nossa cumplicidade, “A gente era fechamento”. Zi não costumava reagir de imediato com as coisas que discordava na criação e, como ela sabia dialogar com o tempo, enquanto não expressava explicitamente, a revolução agia da forma que era possível.

Já minha irmã Lia, a filha de Oxossi, tem mais a ver com a palavra “Flecha”.

Nanã, mãe nanã
Okê
É flecha ligeira
Nas matas é água benta
Nos rios é flecha ligeira
Nanã, mãe nanã
Okê
(Nanã, Serena Assumpção).¹⁷

Tenho uma recordação de quando eu era bem novinho e ela foi passar uns dias em Santo Amaro, na casa do nosso tio Nilton. Eu senti tanto sua falta que adoeci, tive febre e ficava perguntando por ela. Lembro que na adolescência ela implorou para participar de um grupo de quadrilha de lá do bairro. Painho, depois de muito relutar, permitiu, com a condição de que eu a acompanhasse nos ensaios. Porém, depois de um tempo, ele mudou de ideia e a proibiu, quando nós já estávamos saindo. Acontece que Lia sempre foi tihosa, quando ela dizia que ia fazer algo, com certeza ela fazia - e aí foi aquele pegapacapá lá em casa, vou, não vai, vou, não vai. E por já conhecer minha irmã, percebi que ela não desistiria, então lhe ajudei colocando um tapete sobre os vidros que ficavam nas extremidades do muro para ela pular e ir para o seu último ensaio na quadrilha. Quando voltou, disse a meu pai: “o senhor pode até me bater agora, mas eu fui”. Essa foi só uma das vezes que ele tentou parar aquela flecha e não conseguiu. Lia era barril, com ela era assim,; ou resolve agora, ou resolve!

¹⁷Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/3VAWBQtMV10ImXFG3AxH42?si=849b761e84144382>.

Tenho lembranças de muitos dos nossos momentos juntos, das nossas brincadeiras e aprontações na época em que eu e Lia éramos crianças. Lembro que os crentes iam fazer pregação de porta em porta e quando passavam lá em casa nós ficávamos escondidos dentro de casa (isso na ausência de nossos pais), imitando os sons de alguns animais e Zi, vermelha de tanto dar risadas.

Lembro de quando a gente dizia que ia para a igreja e desviava o caminho para o pagode de Chico, que acontecia num beco no fundo do colégio que a gente estudava. O bar de Chico era uma biboca apertada, dessas com uma porta sanfonada de aço e um balcãozinho com passagem apertada na lateral, uma prateleira estrategicamente posicionada de frente para a porta, com umas cachaças de folha que ficavam enfileiradas (uma verdadeira televisão de cachorro para a galera do sindicato).

Na banda, que, se não me engano, se chamava Samba Lance - nosso amigo Duli tocava timbau, era massa ir só pra ver o sacaninha quebrando - ficava do lado de fora do bar em cima do passeio. O som começava cedo, o que era bom, porque dava para curtir durante todo o horário da missa. Só voltávamos para casa depois do padre dar a benção final, "e vamos em paz e que o senhor vos acompanhe".

Temos poucos registros fotográficos juntos da nossa infância e adolescência, a gente também não costumava ter festas de aniversário. Até que em 1994, Lia colocou pé firme de que queria pelo menos um bolo para dividir com suas amigas nos seus 15 anos, e foi aí que nossos pais fizeram uma festinha para nós três.

Imagem 4: Minhas irmãs e eu



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 5: Nossa primeira festinha de aniversário



Fonte: Arquivo pessoal

3.6 LINHA 1383 - ESTAÇÃO PIRAJÁ X CRECHE

*Na quebrada, na quebrada
Pra sobreviver!
Pra sobreviver tem que lutar
Pra sobreviver tem que se informar
Tem pouca luz no beco onde moro
A Lua sempre a guiar, os porcos a observar*

*Mas é que sempre é assim (Jah)
Sempre é assim (Jah)
Paredes cinzentas, corpos pelo chão
Siglas espalhadas e eu não entro em nada*

*Aonde você vai? (Fala!)
De onde você é? (Fala! Fala!)
Minha mãe, só dorme quando eu chego em casa*

*Sempre foi assim (Jah)
Sempre foi assim (Jah)
Rastafári (rastafári)*

*A babilônia quer engolir a gente todo dia
Os dragões cuspiendo fogo devorando a nossa alma
Alma de Jah, a minha alma é imortal, Jah
Mas diga onde você vai? (Fala!)
De onde você é? (Fala! Fala!)
A minha mãe, só dorme quando eu chego em casa*

*Mas é que sempre é assim (Jah)
Sempre é assim (Jah)
(Mukambu, Na Quebrada).¹⁸*

O bairro de Castelo Branco fica localizado próximo aos principais conjuntos habitacionais de baixa renda da cidade, sendo que foi um dos primeiros a ser construído pela URBIS (Habitação e Urbanização da Bahia S.A.). Suas obras foram iniciadas no final da década de 1960 e sua conclusão total ocorreu em 1981. É um bairro que tem os traços excludentes do desenvolvimento urbano na lógica do modo de produção capitalista (Mendonça, 1989), cuja política habitacional é tratada a partir de interesses financeiros, desvinculada das políticas sociais mais abrangentes que possibilitem a garantia plena de direitos à população pobre.

¹⁸Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/5gVTBmo5tVwgqkuhJjQ8L?si=d1566061495c4d37>

O Observatório de bairros de Salvador¹⁹, uma plataforma *online* que compartilha informações de diversas localidades da cidade, extraiu da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia - CONDER, os seguintes dados:

Em 2010, o bairro de Castelo Branco contava com uma população total de 33.510 habitantes. A maior parte se autodeclarou parda (52,39%) e preta (32,1%), do sexo feminino (52,42%) e se encontrava na faixa etária de 20 a 49 anos (51,92%). No que diz respeito aos domicílios, 5,11% dos responsáveis não eram alfabetizados, e apesar de 42,3% estar na faixa de 0 a 1 salário mínimo, a renda média dos responsáveis por domicílio no bairro era de R\$1.137,00. Já com relação à infraestrutura ofertada, 87,55% dos domicílios contavam com coleta de lixo, 99,04% com abastecimento de água e 84,56% com esgotamento sanitário (Observatório de Bairros de Salvador, s/d).

Dividido em cinco etapas, as três primeiras estão posicionadas na extensão da rua principal, conhecida como via Castelo Branco, elas fazem divisa com Dom Avelar, Águas Claras e Cajazeiras IV. Já as duas últimas ficam próximas à Sete de Abril e Vila Canária. Na imagem abaixo a tabela apresenta os conjuntos habitacionais implantados pela URBIS na época. Na figura 01, é possível ver alguns dados sobre o processo de implantação do bairro.

¹⁹Disponível em: <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/castelo-branco>>

Figura 01: Dados de implantação do Bairro Castelo Branco

**RELAÇÃO DE CONJUNTOS PRODUZIDOS PELA URBIS,
Em Salvador, 1964-1968**

Nº CONJUNTOS HABITACIONAIS	CONSTRUÇÃO		Nº DE UNIDADES			
	Início	fim	casas	apts.	lotes	TOTAL
1 Sete de Abril	1965	1967	500	-	-	500
2 Alm. Tamandaré – Paripe	1968	1969	389	-	-	389
3 Solar Boa Vista – Gleba B	1969	1971	-	112	-	112
4 Castelo Branco I	1969	1971	683	-	-	683
5 Mangueira – Itapagipe	1971	1971	100	-	-	100
6 Solar Boa Vista – Gleba C	1970	1972	-	456	-	456
7 Eugênio Salles – Paripari	1970	1972	286	-	-	286
8 Castelo Branco II	1970	1972	627	-	-	627
9 Solar Boa Vista – Gleba D	1970	1973	-	212	-	212
10 Cabula I	1973	1974	112	288	-	400
11 Castelo Branco III	1973	1974	1.139	-	-	1.139
12 Solar Boa Vista – Gleba E	1973	1975	-	322	-	322
13 Solar Boa Vista – Gleba F	1973	1975	-	208	-	208
14 Novo Marotinho	1976	1976	-	-	258	258
15 Jardim Nova Esperança	1976	1976	-	-	178	178
16 Cabula III	1975	1977	-	52	-	52
17 Solar Boa Vista – Rem. I	1976	1978	-	60	-	60
18 Cabula IV	1976	1978	90	200	-	290
19 Cabula II	1976	1978	74	180	-	254
20 G. Marback – Boca do Rio	1977	1978	-	920	-	920
21 Solar Boa Vista – Rem. II	1977	1978	-	62	-	62
22 Castelo Branco IV	1977	1978	-	-	185	185
23 Mussurunga I	1977	1979	2.054	-	443	2.497
24 Cabula VI	1978	1980	-	2.016	-	2.016
25 Cajazeira IV/V	1978	1980	881	224	-	1.105
26 Castelo Branco V	1979	1981	1.061	-	157	1.218
27 Pirajá I	1979	1981	-	-	-	1.061
28 Cabula VII – Proflurb	1980	1981	1.126	-	116	1.242
29 Mussurunga II	1979	1982	-	-	-	1.126
30 Cabula VI – Rem.	1981	1982	-	80	-	80
31 Cabula X – Saboeiro	1981	1982	-	684	-	684
32 Mussurunga III	1981	1983	-	360	-	360
33 Cabula IX – Doron	1981	1983	20	1.288	-	1.308
34 Cajazeira VII	1981	1984	-	688	-	688
35 Cajazeira V – Rem.	1982	1984	294	296	-	590
36 Cajazeira VI	1983	1984	580	960	-	1.540
37 Cajazeira VIII	1983	1984	10.016	896	-	10.912
TOTAL		Nº UNID.	45,8	10,564	1,337	21,917
		%		48,1	6,1	100,0

No mapa a seguir é possível ver a localização exata do bairro e sua distância com relação aos centros histórico e financeiro da cidade.

Figura 2: Delimitação do bairro Castelo Branco



Fonte: Prefeitura Municipal de Salvador, 2022.

Seu nome é uma homenagem ao ex-Presidente da República, Humberto Alencar de Castelo Branco, um dos principais articuladores do golpe militar de 1964: que assumiu a Presidência da República através de eleições indiretas, após a deposição de João Goulart. O nome do bairro é mais uma das inúmeras homenagens que os militares fizeram para encobrir os crimes cometidos por eles e seus apoiadores.

Soa até como sarcasmo impor o nome do responsável por um dos governos mais repressivos da ditadura a um bairro de pessoas empobrecidas, cuja população é predominante negra e trabalhadora. Ironicamente, ele é Castelo e é Branco. Faria mais sentido se o nome tivesse relação com a expressão “castelo de areia”, já que de vez em sempre, quando chove, muitos moradores que vivem nas áreas localizadas nas encostas passam pela experiência apavorante dos desabamentos, ou seja, a segurança nesse bairro não passa de uma ilusão.

Uma das principais praças do bairro, que fica localizada na primeira etapa, recebia o nome do ex-presidente ditador. Há alguns anos ocorreu uma justa mudança e ela passou a ser chamada de Praça Mestre Gude, em homenagem a um antigo morador que costumava passar horas no local.

Figura 3: Recorte de jornal

CASTELO BRANCO, CIDADE QUE VIVE À MARGEM DE SALVADOR.

Apesar de contar com uma população significativa, em torno dos doze mil habitantes, o Conjunto Habitacional Castelo Branco não dispõe de uma infra-estrutura que compense as dificuldades de seus moradores em morar longe. A cidade, com suas comodidades, está, às vezes três horas distante, motivo pelo qual o único armazém que explora o comércio na região tem sua própria tabela de preços.

Funcionário do Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS), o pai da professora Marlia Pereira da Silva, moradora do Conjunto Castelo Branco, é obrigado a levantar todos os dias às seis horas da manhã para chegar no trabalho às nove. A professora explica: "o transporte aqui é um problema. Geralmente os ônibus passam cheios, e para não chegar atrasado ele sai no carro de 6:30hs".

Situação idêntica enfrenta a mulher de Manoel de Jesus Rodrigues: ela sai às seis horas de casa para chegar no trabalho às 7:30hs. "Mas o pior é a volta — afirma ele — pois tem que tomar um ônibus na Rodoviária (sua mulher trabalha no Shopping-Center Iguatemi), ir até o terminal da Barroquinha, suportar a espera na fila e pegar outro ônibus, que só vai deixá-la no ponto do conjunto por volta de 21 horas". Todos os moradores estão reivindicando mais linhas de ônibus.

O transporte coletivo, porém, é apenas um dos muitos problemas do núcleo, hoje com uma população calculada em torno das 12 mil pessoas. Quem mora na terceira etapa, por exemplo, (fim de linha) para comprar um quilo de feijão tem que andar cerca de 1.500 metros, até a primeira etapa, onde há um pequeno armazém.

POUCA ASSISTÊNCIA

Mas os moradores preferem "fazer feira mesmo é na cidade". É o caso de Manoel de Jesus Rodrigues. Ele só faz compras uma vez por mês, e mesmo pagando 25 cruzeiros de táxi para levar as sacolas até sua casa diz que compensa. "Aqui o quilo de feijão custa Cr\$ 8,50, e na feira de São Joaquim eu compro por Cr\$ 6" — afirma. A mesma coisa ocorre com o quilo de



tomate: no Conjunto Castelo Branco custa até Cr\$ 5, enquanto que em mercearias do centro o produto está tabelado em Cr\$ 2. Mas os moradores já estão mais otimistas, pois a organização Paes Mendonça começou, na semana passada, a limpar um terreno para construir um supermercado na terceira etapa.

O estabelecimento será construído no local onde era jogado o lixo dos residências. "Agora a gente não sabe onde vai jogar o lixo", diz Maria da Silva, justificando que a população criou o hábito de depositar detritos ali mesmo no bairro porque a coleta só é feita de quatro em quatro dias, "quando não demora até uma semana". Lá, também, não é feita a limpeza de rua.

Um outro problema, é a inexistência de rede de esgotos para atender as quase duas mil residências do conjunto, cuja primeira etapa foi entregue aos mutuários há questão de cinco anos. As casas, apesar de bem construídas, apresentaram alguns defeitos no sistema de encanamento e também no telhado, já reparados.

FALTOU VAGA

Em cada etapa do Conjunto Habitacional Castelo Branco funciona uma escola, "mas este ano houve problema de vagas", afirmam os moradores. Das sete pessoas da família de Maria Pereira da Silva, cinco estudam e quatro são obrigadas a pegar duas conduções para chegar até colégios de Mata Escura, Pirajá ou da Ribeira. Somente em passagem de ônibus eles gastam cerca de Cr\$ 260 por mês,

"sem contar as aulas de educação física, que são três vezes por semana".

Mesmo assim, e apesar das prestações de muitas residências terem subido de Cr\$ 115 para Cr\$ 363, em um período de dois anos, como é o caso de um mutuário da rua D, na terceira etapa, os moradores do Conjunto Habitacional Castelo Branco recebem atendimento médico gratuito, num Posto de Saúde montado pela Prefeitura de Salvador, logo na entrada do núcleo.

LUGAR TRANQUILO

"Uma vantagem de se morar aqui é o sossego" diz Elias de Araujo Almeida, chefe do Posto Policial, que atua em seu trabalho de agente de polícia "para apartar uma ou outra briga de vizinhos". Mesmo sendo um lugar pacato, porém, os moradores ainda recordam do assalto a uma padaria, às 10 horas da manhã, um caso recente.

Mas quase ninguém se mostra preocupado com ladrões e há os que afirmam que a Colônia Penal de "Pedra Preta" (nos fundos do conjunto e onde até há bem pouco tempo os quase dois mil presidiários tinham a tarefa de quebrar pedras) é que afasta os marginais.

Embora haja esse sossego, os moradores sentem também a falta de área de lazer (as ruas são pouco arborizadas), para o divertimento de quem trabalha a semana inteira, pois para ir a praia, aos domingos, a gente se vê obrigado a andar uma hora e meia de ônibus para chegar até Itapuã", alega um morador.



Um bairro que já nasceu grande em termos de população, porém, com os problemas típicos de outras periferias, como podemos ver nessa reportagem acima da Tribuna da Bahia do ano de 1976.

Até meados de 1940, aquela região era considerada zona rural, onde se encontravam as maiores fazendas da cidade. Quando nos mudamos para lá, ainda existiam muitas áreas de vegetação que foram sendo devastadas, durante anos, com a chegada de novas ocupações.

A região onde morei por 40 anos é a quarta etapa, ou Creche, como é conhecida. De lá guardo muitas lembranças que me despertam afetos e reforçam o meu sentimento de pertença. Foi lá onde estabeleci meus primeiros vínculos. O nome Creche se deu em referência a um antigo equipamento da educação infantil que existia na quinta etapa e que foi demolido, mesmo diante de muitas reivindicações da comunidade, durante a gestão do então prefeito ACM Neto, no ano de 2015.

As casas eram todas muito simples ou precárias. Algumas possuíam quintais, com terrenos grandes onde os proprietários plantavam algumas árvores frutíferas. Uma diversão nossa na adolescência era invadir esses quintais para pegar frutas, sem a permissão do proprietário.

Embora nosso terreno não fosse um dos grandes, meu pai tinha autorização para plantar numa área de um dos vizinhos. Assim, do que ele cultivava, uma parte dividia entre as famílias, outra era vendida de porta em porta com um carro de mão.

Mesmo com uma grande diversidade na origem dos moradores, pessoas que migraram dos municípios mais distantes, gente do recôncavo, da região metropolitana e de alguns bairros da cidade, o cotidiano na comunidade era harmonioso, onde todo mundo se ajudava, na medida do possível. As famílias se reuniam durante as festas, e, em algumas dessas ocasiões, aconteciam mutirões para a decoração da rua, onde também eram organizadas brincadeiras para as crianças e adolescentes.

Imagem 06: Minhas irmãs e eu brincando na Creche

Fonte: Arquivo pessoal

Lembro de muitos momentos que representam a solidariedade entre as pessoas e o envolvimento comunitário, como por exemplo nos mutirões para levar os materiais de construção, carregados nas costas e nos ombros (em muitos casos até locais bem distantes, muitas vezes de difícil acesso). Quem carregou materiais de construção sabe bem o quão significativo é receber esse tipo de ajuda.

Mas também me recordo de crescer vendo cenas de violência nas ruas, na TV, ou lendo nos jornais. Um dia, conversando com um amigo, Alex Igbó, ele me disse que essa é uma das formas do racismo nos dizer que esse é o nosso destino, isso é a construção imagética do medo. Mas além de ver, eu e quase todos os meus amigos da comunidade fomos vítimas da violência policial através de espancamentos, humilhações e extermínio. Estas lembranças me conectam com o livro, “Cuidado com o vão: repercussões do

homicídio entre jovens de periferia”, do professor José Eduardo (2010). Em um dos capítulos ele diz que

a violência pode direcionar a trajetória dos jovens, deixando marcas no corpo e na memória que são difíceis de superar. E ganham força com o passar do tempo, gerando uma nova forma de conceber-se no ambiente, vivenciando uma experiência destruidora de laços, com significados socialmente controversos (p. 102).

Na tese do professor Clímaco Dias (2017), “Práticas Socioespaciais e Processos de Resistência na Grande Cidade: Relações de Solidariedade nos Bairros Populares de Salvador”, são apresentados muitos aspectos do cotidiano vivido pelas pessoas moradoras de bairros populares de nossa cidade. Vizinhança, solidariedade e amizade são palavras caras para a sua pesquisa, pois elas ajudam a compreender as “estratégias de resistência” utilizadas pelas pessoas, para a superação das dificuldades e imposições existentes. O professor diz que

o bairro popular, pelas suas condições específicas, interage de forma dialética, com os seus habitantes que, regidos pelo reino da necessidade, produz um “vai e vem” constante entre objetos e ações, que passam a constituir o palco privilegiado da resistências às ordens do “território normado” (Dias, 2017. p.27).

A creche é o lugar onde vivi a maior parte das memórias mais antigas que guardo. Elas me remetem a experiências de vínculos que não me deixam esquecer de onde vim e quem eu sou.

3.7 REVISITANDO LUGARES: GÊNERO, RAÇA, CLASSE, TERRITÓRIO E OS CAMINHOS DO EU

Algumas das minhas lembranças de infância e juventude me fazem pensar sobre o processo de afirmação da identidade, sendo construído emaranhado por vários aspectos dentre eles: a sociabilidade no território e as informações e certezas baseadas grande parte das vezes em estereótipos e naturalizações.

Eu, ao invés de citar exemplos, posso dialogar sobre isso a partir do conto “A curta história de vida de Gajé”, presente no livro “Salvador Cidade Túmulo”, de Hamilton Borges dos Santos (2020). Acredito que muitos, homens

negros que viveram em invasões, periferias, quebradas, favelas, vivenciando a experiência de liberdade contra-hegemônica marginalizada, se identificam em diversos momentos com Gajé, aquele menino negro de dez anos de idade. Consigo ver ele brincando com os seus brinquedos feitos a mão como eu também brincava com os meus carros construídos com restos de lata, madeira e outros materiais que a gente pegava na fábrica de vassoura. Eu consigo ver ver Gajé em suas corridas pelas ruas do bairro e recordo também as minhas corridas por Castelo. Me familiarizo com os exemplos de sociabilidade experienciados por ele.

Mainha sempre dia, “vocês parecem com cachorro e gato, na mesma hora que estão juntos, estão brigando”. Ela sabia bem do que falava, pois a rua era assim, massa e ao mesmo tempo cheia de covardia, mesmo pra quem não deve comédia pra ninguém.

Assim como Gajé, eu também fiz a primeira comunhão. Enfim, me vi nele em diversos momentos, me fazendo nessas tristezas que se constroem nos guetos pretos em que somos jogados (Santos, 2020, p. 31).

Cresci brincando as “brincadeiras de menino” e na medida que fui crescendo, assim como as brincadeiras mudaram os olhares ao redor também e muitas vezes vi medo no olhar de outros olhos que me fitaram. Aprendendo que eu deveria sempre me mostrar o macho hétero, ainda que isso me incomodasse algumas vezes. Me diziam que homem não chora, mas eu era um chorão.

O Atlas da Violência (Cerqueira; Bueno, 2024), nos mostra que os jovens negros e pobres são as principais vítimas neste país. “É a Bahia!” o estado recordista no extermínio dos nossos irmãos. No sistema prisional também somos maioria, “Fazer o que, se cadeia é pra homem?”²⁰. Sabemos que gênero, raça e território são marcadores determinantes para as desigualdades, violência e extermínio e que a violência é, de modo geral, naturalizada como um dos estereótipos da masculinidade o que aumenta os riscos na vida dos homens negros das periferias.

²⁰ Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/6m8Aqjfl28ER6odzMxmHtR?si=8b9bc0d3997a46f2>.

Outra coisa, na medida que fui crescendo me afastei em partes dos referenciais femininos de casa. Lugar de homem é com homem.

Gilberto Gil, durante o programa Roda Viva²¹, foi questionado por um dos entrevistadores sobre sua sexualidade. Na ocasião, Gil respondeu dizendo: “eu acho que tenho em mim um equilíbrio muito natural, muito visível entre o homem e a mulher dos quais eu sou filho... eu acho que eu contemplo tanto minha mãe quanto meu pai, eu tenho em mim tanto da minha mãe quanto do meu pai e eu não posso negar que minha mãe é uma mulher... minha mãe não é um homem!”.

Esta entrevista foi concedida no ano de 1987 e mesmo naquela época, tão conservadora como nos dias atuais, diga-se de passagem, Gil tencionou a visão naturalizada sobre o masculino a partir de um ponto que é prejudicial para nós, homens pretos, pelo qual eu experienciei de maneira bastante natural, que foi o afastamento, em partes, das figuras femininas a partir da adolescência.

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9q2ByiqgoYI>.

4. NO CAMINHO DA ESCOLA

A escola me ensinou a escolher caminhos dentro do quadradinho que ela mesmo me prendeu²²
(Thiago Elniño).

Meus primeiros passos na alfabetização começaram dentro de casa, sob as orientações de minha irmã mais velha, que era responsável por elaborar exercícios de letramento para os seus dois irmãos menores. Eu ingressei no ensino formal, no ano de 1985 e este momento coincide com a reabertura política do país após 21 anos de ditadura.

Antes de entrar no pré-escolar, aos 05 anos de idade, fiz parte de um programa de alfabetização direcionado às crianças pobres do meu bairro, chamado PLAPE (Plano de Atendimento ao Pré-Escolar). Eu tenho poucas lembranças da época e recentemente busquei informações sobre o programa com minha primeira professora fora do ambiente familiar. Ela foi bastante solícita e, diante da dificuldade de nos encontrarmos para uma conversa, me deixou um bilhete na caixa dos correios, com as seguintes palavras:

Em 1986, a criação do PLAPE (Plano de Atendimento ao Pré-escolar) revolucionou a educação na Bahia que desenvolveu um método eficiente em relação ao que já existia: De que, para a criança iletrada, não podia ninguém ler para ela textos grandes. Essa revolução no ensino brasileiro atraiu um patrocinador: o país de Israel que trouxe seus métodos de pré-escolar utilizando o que o aluno já sabia desde o lar. Isso incluía a nova perspectiva transdisciplinar em um intercâmbio dinâmico entre ciência exata, ciência humana, artes e tradição. Foi um salto gigantesco na educação brasileira porque desenvolveu o intelecto dos alunos e hoje o município é quem continua com esse método e o Estado com o ensino médio.

A professora fala sobre o PLAPE com o entusiasmo e o afeto de alguém que dedicava parte do seu tempo para contribuir para que crianças entrassem no ensino básico com algum conhecimento. Acho importante trazer aqui alguns elementos que estão presentes na memória da educação brasileira e que demonstram como a atenção às crianças em idade pré-escolar se desenvolveu ao longo dos anos.

No Brasil, a educação de crianças pequenas e pobres tem as marcas profundas do racismo. Não é à toa que ela passou a ser assegurada

²²Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IEM-zYi7hcs>.

tardiamente, com a pressão de diversas representações dos movimentos sociais, na constituição de 1988. Somente em 1996 ocorreu a criação de um sistema de ensino nacional através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, a qual integrou as creches e pré-escolas ao sistema de ensino nacional.

Outros acontecimentos também são marcantes para a educação brasileira, tendo influência no tratamento destinado às crianças pequenas não brancas e suas famílias, a partir de transformações ocorridas tanto no país quanto no mundo.

O artigo "A Creche no Brasil: Mapeamento de uma trajetória", da professora Zilma Moraes Ramos de Oliveira (1988), nos mostra um panorama histórico de como se deu os cuidados às crianças pequenas ao longo dos anos, partindo do século XVII. Ela revela que esta relação se deu com inúmeras precariedades, sendo que os principais métodos de proteção das crianças órfãs, abandonadas e filhas bastardas, oriundas em grande maioria da exploração sexual de mulheres negras e indígenas, eram a tutela informal por famílias de fazendeiros e a utilização da roda dos expostos das entidades religiosas. O surgimento e as mudanças na instituição creche acompanham as transformações da sociedade de modo geral, a partir da dinâmica do capitalismo e dentro de uma perspectiva de urbanização. A professora Dra. Zilma (1988) diz que assim

como ocorre em todas as outras formas pelas quais uma dada sociedade cria uma instituição para responder às suas necessidades, a creche insere-se a cada momento, em um contexto mais abrangente, onde concepções sobre criança, mulher, família, educação infantil, trabalho em geral, trabalho feminino, direitos sociais, obrigações do Estado vão sendo modificados (...). As ideias de abandono, pobreza, culpa, favor, caridade acompanham as formas precárias de atendimento a menores neste período e, por muito tempo, talvez mesmo até hoje, tais ideias vão permear concepções acerca do que é creche (Oliveira, 1988, p. 44).

Até o início do século, creches, asilos e internatos eram vistos nas vilas existentes como instituições assemelhadas e destinadas a cuidar dos problemas dos pobres. A partir do artigo da professora Maria Helena Souza Patto (1992), intitulado "A Família Pobre na Escola Pública: anotações sobre um desencontro", podemos compreender que foi com a ampliação progressiva

e em todos os segmentos sociais, no que se refere ao cuidado/educação de crianças com idades que antecedem à escolaridade compulsória, ocorrida ainda na Primeira República, que começaram a surgir as primeiras creches vinculadas à assistência social e à saúde; e que após os anos 1970, começou uma eclosão dos Movimentos de Luta por Creches em várias comunidades de diversas partes do país, através da motivação de igrejas católicas. Tudo isto pode ser visto no artigo “Histórias da educação infantil brasileira”, do professor Moysés Kuhlmann Júnior (2000).

Nesse período, vários programas e projetos elaborados por setores da área social tinham como finalidade fornecer à criança pré-escolar recursos compensatórios a uma suposta carência cultural que, segundo quem defendia essa tese, era uma herança familiar das pessoas pobres. Com Patto (1999), aprendi que a teoria da carência cultural surgiu no início dos anos 1960 nos Estados Unidos como uma resposta da classe dominante às tensões que foram geradas a partir das reivindicações por igualdade de oportunidades realizadas pela militância negra e latino-americana.

Um dos momentos mais marcantes que servem para que a gente possa perceber a força das lutas contra a discriminação racial nos EUA, e seus impactos na sociedade daquele país, aconteceu no dia 28/08/1963, quando Martin Luther King discursou em prol dos direitos das pessoas negras e contra as políticas racistas dos Estado Unidos, na frente do Lincoln Memorial, em Washington. O título do seu discurso, que ficou eternizado, foi “Eu tenho um Sonho”²³.

Em contrapartida, cientistas norte-americanos de diversas áreas das ciências humanas, inclusive da psicologia, produziram uma narrativa que buscava justificar a exclusão das chamadas “minorias raciais”, a partir da afirmação que diz que “o pobre não tem condições para se inserir produtivamente na sociedade e por isso é pobre; seu fracasso escolar e ocupacional decorre de deficiências presentes em seu desenvolvimento psicológico”. Esta afirmação encontra-se presente no artigo “O papel social e a formação do psicólogo: contribuição para um debate necessário” (Patto, 1984, p. 8).

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aWlhPFHOI-Y>, acesso em:

Hoje, olhando pelo retrovisor, vejo que minha primeira experiência com a instituição escolar foi marcada pela chamada “educação compensatória”, que tinha como público-alvo famílias como a minha, crianças como eu: pobres, periféricas, marcadas pela brutalidade do estado e tratadas como culturalmente inferiores.

Voltando a falar sobre o PLAPE, lembro que as aulas aconteciam num espaço improvisado do Conselho de Moradores de Castelo Branco – CMCB, e imagino que a professora não tinha uma formação específica na área de Pedagogia. Lembro que ela não dispunha de materiais para as atividades que eram realizadas dentro de um modelo escolarizante tradicional. Mesmo diante de toda adversidade, e provavelmente da falta de reconhecimento do seu trabalho, ela estava ali, todos os dias, nos ensinando uma série de assuntos e realizando algumas atividades lúdicas para facilitar o nosso ingresso nas primeiras séries do ensino básico.

4.1 O PRÉ E O PRIMÁRIO

Do pré-escolar até a quarta série, entre os anos de 1986 e 1990, estudei numa pequena escola chamada Cecília Meireles, que fica na segunda etapa do bairro, cerca de 15 a 20 minutos da minha casa. Uma escola tocada por mulheres negras e pobres moradoras do bairro.

Hoje, eu penso sobre aquelas mulheres, tocado pelas pesquisas realizadas em 2016 e 2023 por Cacio Romualdo, durante o mestrado e doutorado, em Educação na UFBA. Ele se dedicou em compreender a história da educação infantil e seus entrelaçamentos com as questões de Raça, Gênero e Classe e com isso nos revelou algumas realidades existentes na vida das professoras com quem estive durante o processo de campo.

A imagem que eu pude construir sobre as professoras que participaram de suas pesquisas é muito parecida com a imagem das minhas antigas professoras do primário.

A história da formação profissional da professora Ana confunde-se com várias outras histórias: com a sua própria, já que a mesma começou a ensinar muito jovem; com a história da inserção das escolas populares no bairro em que está localizado o Centro de Educação Infantil onde a pesquisa foi realizada e que também é o local de moradia da professora; e

ainda com a história da formação profissional da imensa maioria das mulheres pobres que se tornam professoras neste país. A professora Ana é filha de uma família sem condições, como ela mesma fala. Até os seus 11 anos morou em um bairro próximo ao Bairro da Paz e lá, ainda segundo ela, viveu os momentos mais alegres de sua vida, uma infância que considera maravilhosa e que toda criança deveria viver. Além disso, suas reflexões me sensibilizaram e me fizeram compreender historicamente como se deu o processo de desqualificação e precarização do trabalho das professoras negras e como esses dois fatores são resultado do racismo, da misoginia e da opressão das elites contra as pessoas pobres de periferia. (...) A chegada da professora Ana ao Bairro da Paz, aos 12 anos, junto a sua família, retratava a fragilidade na garantia do direito à habitação, tão comum nos grandes centros urbanos (Romualdo, 2016, p. 56).

A professora Ana tem uma história muito parecida com muitas professoras pobres do bairro, que tem como coincidência o início precoce na docência e uma relação de pertença com o território por também ser residente. Essas experiências históricas ajudam a compreender o processo de marginalização destas profissionais e o impacto dessas dinâmicas na sua prática pedagógica e na educação infantil.

Voltando a falar sobre a escola Cecília, guardo na lembrança a imagem de um lugar muito bem cuidado pelas professoras e tias²⁴. Havia decoração nas salas de aula, em algumas datas comemorativas aconteciam festinhas e as famílias eram convidadas a participar.

Acho que não é à toa que estou escrevendo hoje, dia 20 de maio, dia da profissional da pedagogia, e acabo de me deparar com uma publicação do perfil do instagram do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade²⁵ que diz o seguinte:

Desde 2015, o dia 20 de maio é considerado o dia da profissional da Pedagogia, essa área tão precarizada e menosprezada pelas políticas públicas instituídas, sustentada sobretudo pela força de trabalho de mulheres cisgêneras negras e pessoas com históricos de vulnerabilidades. No dia de hoje, queremos chamar a atenção para o fato de que o campo

²⁴ O substantivo Tia é muito utilizado em referências às profissionais que atuam em escolas, creches, instituições de acolhimento de crianças e adolescentes que tiveram seus direitos violados, unidade de atendimento socioeducativo etc. A sua origem é marcada pelo amadorismo e assistencialismo presente na história do cuidado de crianças e adolescentes pobres (Freire, 1997).

²⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7NfvMUpGq4/>, acesso em: 20/05/2024

da educação tem sido também um dos mais cobiçados por entidades profissionais, especialmente as da área da saúde (medicina, psicologia etc), e empresas sanguessugas de recursos públicos para interesses particulares bem tacanhos. Uma das estratégias que tem sido utilizada para abrir caminhos pra exploração dos recursos do FUNDEB, por exemplo, tem envolvido toda uma seducência para roubar ainda mais da escola seu caráter pedagógico. E a gente tem caído nesse baratino. Nossa formação em muitas medidas contribuiu muito para essa nossa vulnerabilidade. A Escola é território de produção e apropriação dos conhecimentos escolares e construção coletiva de convivência para o bem comum. Essa é a sua função social. E isso, sem ilusionismos e idealismos, menos ainda romantização, envolve a necessidade da garantia de condições objetivas concretas; envolve a garantia de recursos diversos, salas de aula possíveis de desenvolver um bom trabalho, quantidade de estudantes/turma razoável para que o envolvimento de todos aconteça; pressupõe formação docente decente - comprometida com a construção de possibilidades pedagógicas e não com a psicologização dos processos de aprendizagens; envolve valorização dos profissionais da educação que são professores, Auxiliares para "garantir inclusão", coordenação pedagógica, gestão, o pessoal da merenda, da portaria, a galera dos serviços gerais, a bibliotecária, porque sim, dinheiro do Fundeb é para garantir que em toda escola tenha laboratórios, biblioteca, materiais e que seja acessível a todes. Paulo Freire, Saviani, Maria Helena Souza Patto, as @Professorinhas²⁶ nos chamam a atenção para que não percamos de vista que a função política da escola é garantir a presença intensa de pedagogias comprometidas com a emancipação coletiva. Deixem elas ocupar! Nem todes que se dizem aliadas da educação pública no nosso país, de fato são. A gente bem sabe disso, não é, companheiras? A gente pode e é dever nosso também lutar pelo fortalecimento das redes de atenção, dos demais serviços públicos, por justiça social, por reparação histórica. E no chão das nossas escolas, são professoras/es, estudantes e as pedagogias: A gente que lute! Sigamos de olhos e pedagogias abertas!

Sabemos dos atravessamentos do racismo presente na história da educação e cuidado de crianças pobres do Brasil, e mesmo com isso, quando relembro o cotidiano da escola Cecília Meireles, sou tomado por um sentimento muito bom e entendo que existia ali afeto e cuidado por parte daquelas mulheres, que em sua maioria eram negras. Sabendo das precarizações e, por mais que sejam mínimas as certezas que tenho sobre suas trajetórias

²⁶ Disponível em:

https://www.instagram.com/professorinhaspresente?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNIZDc0MzlxNw==

peçoais, a trajetória da história a qual tenho conhecimento fortalece meu sentimento de gratidão por elas.

4.2 A ESCOLA SEM CARTEIRA

No ano de 1989 ocorreu a primeira eleição presidencial direta após a ditadura militar, quando o país escolheu o liberal Fernando Collor de Mello como Presidente, após a disputa do segundo turno contra Luiz Inácio Lula da Silva²⁷. No ano seguinte, nas eleições estaduais, Antônio Carlos Magalhães foi eleito Governador²⁸ aqui no estado. Ao assumirem seus mandatos, tanto Collor quanto ACM traziam consigo promessas de mudanças e modernização em suas respectivas gestões e a superação dos problemas herdados dos governos anteriores, no período da ditadura, com os quais ambos tinham compromisso notório.

Vou pedir licença para compartilhar com vocês um trecho que retirei do artigo “Avanços e limites na gestão da política federal de ensino fundamental nos anos 1990”, que foi escrito por Jorge Abrahão de Castro e Raul Miranda Menezes, onde eles falam que “essa modernização deve ser entendida em sentido amplo, ou seja, contempladora dos mais variados aspectos constituintes da realidade brasileira, indo desde a economia até as questões políticas e sociais” (Castro; Menezes, 2003, s/p).

Naquele momento, a política pública de Educação era vista como uma área essencial e ao mesmo tempo problemática para a garantia dos compromissos assumidos. Havia no país um número elevado de analfabetos e também eram altíssimos os números de evasão escolar e repetência estudantil, frequentemente justificados a partir de concepções preconceituosas e racistas, fundamentadas por alguns cientistas do campo. Outro problema era referente às condições dos equipamentos escolares. A Secretaria de Educação do Estado realizou um levantamento da situação física das escolas da rede, em Salvador, através de financiamento do UNICEF (Fundo das Nações Unidas

²⁷ No final do ano de 1992, Collor sofreu uma derrota em um processo de impeachment, o que o obrigou a renunciar do cargo. Seu vice Itamar Franco assumiu o posto até janeiro de 1995.

²⁸ Mais do que isto, iniciou-se ali uma era de domínio de um grupo político que ficou conhecido como carlismo.

para a Infância) e o primeiro relatório identificou que 96% dos equipamentos escolares tinham problemas de conservação e funcionamento, nas instalações hidráulicas, elétricas, de esgotos, no piso e nas paredes, janelas, portas, telhados ou lajes e na pintura. Além disso, em todo o estado havia cerca de 2.332.740 pessoas, na faixa de 0 a 17 anos de idade, fora do sistema educacional (SEC, 1995 *apud* Silva, 2007).

Eu ingressei no ginásio no ano de 1991, aos 11 anos de idade. Evidentemente naquela época a política não era um assunto do meu interesse, porém recordo que no início do ano minhas expectativas para os próximos dias eram bastante negativas e certamente essa sensação era atravessada por todo este contexto.

O colégio onde estudei, o Grupo Interescolar Dona Arlete Magalhães (GIDAM), fica localizado na primeira etapa do bairro, mais ou menos a 1 km da nossa casa e era mais uma das escolas precarizadas do bairro. O prédio era formado por aproximadamente 12 salas de aula, sem espaços dignos de convivência, sem biblioteca, laboratórios e sem áreas adequadas para atividades de recreação e práticas esportivas.

Minhas irmãs mais velhas também estudaram lá. Lembro que antes mesmo do ginásio elas já comentavam comigo as situações desagradáveis que vivenciavam todos os dias. No dia a dia, a gente sentia na pele a gravidade do descaso. O colégio não passava por uma reforma há muito tempo. Para dar um exemplo: minha irmã mais velha saiu para cursar o ensino médio no mesmo ano que eu ingressei no ginásio. Quando era aluna de lá, de vez em quando comentava sobre uma brincadeira que os estudantes faziam, conhecida como “Choque”, e que funcionava da seguinte forma: fazia-se uma corrente humana e uma das pessoas da extremidade segurava em um poste de iluminação de aço com defeito – que descarregava uma corrente elétrica de baixa intensidade, porém causava um susto da porra – enquanto que no mesmo instante outra “criatura do mal” tocava em alguém que estivesse passando distraidamente pelo pátio. Consequentemente, essa pessoa recebia o choque. O detalhe disso é que por consequência da falta de reforma, o poste ficou alguns anos apresentando o problema o que garantiu a permanência da “brincadeira” na minha geração, anos depois.

Outro exemplo da precariedade do GIDAM era que faltava até cadeira. Para não assistir aula em pé, a gente chegava cedo, antes dos portões serem abertos, e assim que acontecia a abertura era uma correria desesperada, rolava empurra empurra e quase sempre terminava em briga, inclusive eu também briguei algumas vezes. Naquela época, a gente não tinha noção sobre uma mobilização coletiva em busca de garantir que todes tivessem cadeiras ao invés de brigarmos entre nós pelas cadeiras que restavam.

Além dos problemas relacionados à estrutura física e escassez de material, havia também a falta de professoras efetivas. Muitas disciplinas eram ministradas por professoras em formação, que aparentemente não recebiam uma supervisão ou preceptoria adequada. Durante o ano letivo, elas eram substituídas e isso consequentemente causava impactos negativos ao processo de aprendizagem. Era comum também a ocorrência de horários vagos e absenteísmo docente.

Diante de um contexto como este, existia da minha parte pouca credibilidade com a escola onde eu estudava. Do mesmo modo, parecia reflexo da pouca credibilidade que era dada a mim por parte do Estado. Uma das coisas que mais eu tinha vontade era de abandonar a escola e só não fiz isso porque se eu sequer tentasse meus pais jamais deixariam acontecer. Isso não quer dizer que as pessoas que tiveram sua formação escolar interrompida assim fizeram por escolha ou negligência familiar, o que quero afirmar é que somos empurrades para fora da escola. O que vai determinar nossa permanência nela varia para cada pessoa negra e pobre que conclui seus ciclos escolares. Mas, não é isso o todo que tenho a falar sobre o GIDAM.

4.3 EXISTIA VIDA!

*viver
é para nossa gente
verter
sub
trans/gredir/formar
momentos de desproteção
de descuido
para
enfim
sobre-viver
(Eliomar Lima).*

A minha relação com a escola era atravessada por outros sentimentos. Eu recordo que nas primeiras orientações da pesquisa do mestrado, apresentei à Lygia o projeto e nele em um determinado momento eu me referi à escola como aparelho ideológico do Estado²⁹. Lyu reconheceu a importância dessa perspectiva althusseriana, porém pontuou que o cotidiano escolar é vivo, marcado pela contradição.

Vejo que muitas das nossas reações enquanto alunos e da relação com a escola eram formas de ressignificar os sentimentos ruins e os problemas de estrutura, pra ficar de boa. O poste com defeito - que poderia ser utilizado pelas professoras e professores para uma aula super interessante, de elétrica por exemplo, no entanto não era - virou nosso instrumento de diversão, mesmo diante de todo o perigo. Na escola não tinha uma quadra, mas a gente pegava o baba³⁰ onde era possível, nosso lugar preferido tinha um precipício de um dos lados com mato e entulho, só que a gente não tava nem aí para os riscos de acidentes ou contaminação por tétano e leptospirose. Dentro da sala de aula, uma algazarra da porra, uma gritaria, acho que tinha a ver com aquilo que Chico Sciense falava na letra de Da lama ao caos: “Que eu desorganizando posso me organizar”.

*As ilusões todas perdidas
As perdas novas e antigas
As dores ardendo feridas
Ainda nos resta
Vida
Ainda nos cabe
Vida
Ainda nos conforta
Vida
Remexendo velhas feridas
Revivendo lutas perdidas
Renascendo forças antigas
Ainda vemos
Vida
Ainda temos
Vida
Ainda cremos
Vida*

(Um poema engajado / para Samuel Vida - Nelson Maca, Vida).

²⁹ Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado (Althusser, 1980).

³⁰ Jogar bola.

Faz alguns anos, mais ou menos em 2008, que reencontrei um amigo daquela época em um ponto de ônibus próximo da faculdade, foi um reencontro constrangedor para mim, pois ele era um dos principais alvos das violências disfarçadas de brincadeiras, que eram feitas por mim e outros colegas de sala. Uma das primeiras coisas que ele recordou durante nossa conversa foi sobre o caos que era a escola e das constantes confusões e gritarias.

Eu lembro que tinha discussões em sala quase todos os dias. Quem não estava na briga, ficava botando pilha e aí a zoadá só aumentava. Tudo isso era diversão para a gente, para a turma que gostava de botar fogo, colocar apelido e rir da desgraça de alguém. Eu fazia parte dessa galera, mesmo correndo perigo, porque se meus pais soubessem as coisas que eu aprontava, eu não sei o que seria de mim. E olha que costumam dizer que esse comportamento é falta de base familiar... sei não...

Como eu estudava pela manhã, sempre depois das aulas - isso quando tinha o último horário - sob o sol do meio dia, continuava pela escola ou em algum lugar próximo, jogando bola com meus colegas. Nessa onda de baba, cheguei até a jogar num time que treinava no campo do "beira lixo", que fica perto do GIDAM. A gente era fominha por jogar bola e em um determinado momento eu até sonhei em ser jogador de futebol, como boa parte dos meninos pobres da minha época.

Das aulas, a matéria que eu mais me recordo é Técnicas Comerciais, mas isso tem um motivo: a professora era massa, era a mais jovem do colégio, trocava ideia com a gente de uma maneira bem diferente das outras. Rolava identificação dela com a turma e vice-versa. Ela tinha uns assuntos interessantes, mas o mais importante era que ela era irmã de um dos alunos, aí já viu né, para nós esse brother era o cunhado.

Lembro um pouco das aulas de português. Aí já não rolava simpatia com a professora, foi ela que me colocou na recuperação e depois disse que foi um equívoco. Nas aulas de inglês, onde eu não aprendi porra nenhuma, o professor era da gastação, rolava algumas brincadeiras durante as aulas. Ele também foi meu professor no ensino médio.

Não sei se deu para perceber, mas sobre aulas, assuntos das disciplinas e outras coisas da burocracia escolar eu lembro pouquíssimas coisas. Lembro

das condições precárias da escola, da bagunça, dos momentos de diversão e outras coisas que não me interessa contar, que fazem parte dos segredos do autor, quem escreve sempre guarda segredos!

Para finalizar este capítulo, uma das últimas memórias que tenho do GIDAM foi quando fiz um passeio para a Base Naval de Aratu. Tá certo que foi a única atividade externa que rolou na escola nos quatro anos que estudei lá. Fizemos uma visita guiada numa Fragata, conhecemos a base e depois fomos passear pela praia de Inema. Dias depois, a professora de educação artística nos deu uma tarefa, que era representar o passeio através de um desenho. Eu desenhei uma fragata e ela me fez um monte de elogios, acho que foi a única vez que fui elogiado no ginásio.

No finalzinho do ano de 1994, aquele clima de despedida de ciclo, e para aumentar minhas expectativas para o ano seguinte, pintou uma possibilidade de trampo através de um processo seletivo para Jovem Aprendiz nas Voluntárias Sociais da Bahia³¹. Mainha ficou sabendo através de uma vizinha, daí, mesmo a contragosto de meu pai, ela fez a minha inscrição. Seleção geralmente é uma escrotidão, um monte de adolescentes com potencial desejando entrar, mas as vagas nunca são para todes. Na medida que eu ia avançando nas etapas, a ansiedade só aumentava. Eu lembro que as aulas terminaram e eu estava lá fazendo prova, dinâmica de grupo, entregando documentação, abrindo conta no BANEB³² e dando várias voltas no Centro Administrativo da Bahia.

O ciclo do ginásio se fechou de uma forma que eu não esperava, o sentimento era de felicidade e a certeza da saudade da escola, sobretudo das pessoas com quem convivi ali.

³¹ As Voluntárias Sociais da Bahia são uma sociedade civil de direito privado e sem fins lucrativos. Voluntárias Sociais tem a peculiaridade de ser sempre presidida pela Primeira Dama do Estado.

³² Banco do Estado da Bahia, encerrou suas atividades em 1999.

4.4 A TÃO ESPERADA CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO E AS SURPRESAS QUE ENCONTREI NO CAMINHO

Estudei o segundo grau no Edvaldo Brandão Correia, um colégio que foi inaugurado no mesmo ano em que eu nasci, em 1979, e que guarda ao longo de sua história fatos que são consequência do descaso do poder público com a educação. Mas que também é motivo de orgulho para muita gente que estudou lá, por ser um colégio referência na região de Cajazeiras.

Guardo uma cena que aconteceu ainda no dia da matrícula, quando eu dei uma volta para conhecer e ao chegar na quadra notei que alguém utilizou uma camisa da farda para segurar a trave do gol que estava quebrada. Foi quando pensei comigo mesmo: “pelo menos tem uma quadra”.

O período que eu estudei lá coincide com a gestão estadual do carlista Paulo Souto e com o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso na presidência do país.

Voltando aqui rapidinho, num assunto do capítulo anterior, lembra da seleção que participei no final de 1994? Então... comecei a estagiar na Secretaria Estadual de Saúde – SESAB, no Centro Administrativo da Bahia – CAB. O estágio era no turno da manhã, das 07:30 às 11:30. Uma experiência massa que me deixava super motivado com tudo o que eu estava aprendendo, manuseando arquivo, mexendo com computação, xerox, máquina de datilografar. Além disso, as pessoas do setor eram bem divertidas, o clima era leve, para mim que estava na primeira experiência de trabalho. Eu recebia uma bolsa de R\$75,00, que correspondia a 75% do salário mínimo e mais 22 tickets de refeição no valor de R\$5,00. Antes mesmo de começar o estágio, eu só pensava o seguinte: “agora eu vou ter meu dinheirinho, vou poder comprar minhas coisas e ter um pouco de liberdade”. Porém, bem diferente do que eu imaginei, meu pai não me autorizou a ficar com o dinheiro. Eu recebia no banco e o entregava, ele era quem decidia o que fazer com a bolsa. Já os tickets ajudavam no mercado de casa.

Pense numa frustração? Principalmente quando chegava o dia do pagamento, na fila do BANEBA. A galera do estágio com toda liberdade comentando como gastaria o salário “e eu? nada!”. A essa altura eu já pensava

em concluir logo o ensino médio para começar a trabalhar e de fato conquistar a minha liberdade.

Frustrações à parte, em um dos primeiros dias de aula no ensino médio, quando eu estava sentado na primeira fila, escutei um burburinho vindo lá do fundo da sala e logo em seguida vi um grupinho dando risada e olhando em minha direção. Percebi logo que tava rolando alguma onda e fiquei de boa. Depois que a aula terminou, alguns dos que estavam no grupo vieram até mim e falaram que eles estavam colocando apelidos nas pessoas e que o meu era “Doutorzinho” (por conta dos meus óculos de grau e por eles saberem que eu mexia com computador). Como eu nunca tive problemas com apelidos (já fui chamado de “e o vento levou”, “chouriça”, “formiguinha” e tantos outros), aceitei a alcunha e continuei conversando naturalmente sobre outros assuntos. Ali foi criada a minha nova identidade no colégio: “Doutorzinho”.

Imagem 07: Com parte da minha turma no ensino médio



Fonte: Arquivo pessoal

No primeiro ano, faltei a muitas aulas, pois ficava na quadra trocando ideia com outros três amigos. No final do ano fui reprovado e como minha permanência no estágio era condicionada à aprovação escolar, acabei sendo desligado. “O estágio era massa, mas presenciar todos os meses a galera,

tirando sua ondinha, charlando na fila do banco e chegando na secretaria de tênis novo da Nike, calça da Hang Loose, da Quiksilver, e eu só no ódio... Quer saber, tô nem aí pra nada, perdi de ano, já era”, foi meu pensamento na época.

O passo seguinte era encarar painho. Ele não admitia que a gente repetisse de ano, ainda mais com o lance do estágio. Tomei um sermão da porra e não sei por qual milagre não apanhei.

Nos dias de 2015, diversas coisas novas aconteceram em minha vida. Fiz um curso de informática aos sábados no bairro de Nazaré, e, geralmente depois do curso junto com um amigo da Creche, saía para dar um rolé no shopping e também em outros lugares do Centro, coisa que antes eu não fazia. Tudo isso foi massa, porque daí eu comecei a desbravar, interagir e perceber a cidade e a vida com olhos iguais aos do menino cantado na música “Com a perna no mundo”, de Gonzaguinha, com “fogo nos olhos, um fogo de não se apagar”. Mesmo com tudo isso acontecendo, no colégio a sensação era de estagnação e de que eu estava perdendo tempo.

No ano seguinte, na turma dos repetentes, eu olhava para os outros estudantes e tentava imaginar os motivos deles estarem repetindo o primeiro ano. Prometi para mim mesmo que, dali para frente, o meu foco era “adiantar o lado”, concluir o ensino médio para começar a trabalhar e me livrar das perturbações e cobranças de todos os dias que aconteciam lá em casa.

Nesse tempo, comecei a me aproximar mais do grupo que me deu a alcunha de Doutorzinho e passei a fazer parte de uma galera que permaneceu junta por muito tempo durante os vários horários vagos que tínhamos no colégio, por falta de professores. Todos os dias faltavam professores.

Essa galera passou a se autodenominar “equipe só alegria”, formada por estudantes não só da turma, mas também por pessoas de outras salas. O nome “só alegria”, foi sugerido por Cimar, um dos integrantes que era fã da banda de reggae “Morrão Fumegante” cujo cantor “Sine Calmon” despertava a nossa atenção, por conta das suas músicas e também porque volta e meia ele aparecia citado nas críticas depreciativas da mídia conservadora local, por escancarar o uso da ganja. “Só alegria” era um jargão que ele falava diversas vezes durante os shows.

Daí pra frente, foi só alegria! Os últimos três anos escolares passaram tão rápido que quando a gente se deu conta já estávamos nos lamentando por

saber que no ano seguinte não estaríamos mais juntas, na sala de aula, no baba, nas pescas durante as provas, nas rodas de violão e nas conversas para matar o tempo.

Foram três anos de muitas caminhadas. Durante a ida, geralmente a gente passava no Gouveia e em seguida sempre rolava uma parada num bar que ficava na rua M, em Castelo. Eu, Jonatan, Junior (*in memorian*) e Léo Cabeça (*in memorian*) [paro... respiro...].

Lembrei agora de uma situação que aconteceu quando estávamos voltando pela via regional (que divide Castelo Branco com Águas Claras). Comigo estavam Sam, Caroço e Pitica, quando de repente passou um carro e um cidadão gritou alguma coisa. A gente não ouviu direito, mas respondemos com alguns palavrões. Daí, ele parou o carro, voltou de ré e desceu com uma arma na mão, correndo em nossa direção. A gente, antes dele parar o carro, já foi metendo o pé, sentido Águas Claras. Eu invadi um quintal, caí dentro de um matagal e esperei até ver que dava pra sair. Terminou que a gente não entendeu direito o que aconteceu e não tocamos mais no assunto.

Outra coisa desagradável sobre aqueles três últimos anos era a baixa expectativa que era depositada em nós estudantes. Não me recordo de em algum momento receber incentivo e orientações sobre o ingresso no ensino superior (eu não tinha referência de pessoas próximas a mim que tivessem ingressado na graduação). Também não existia lei de cotas nas universidades federais, o que aumentava a desigualdade de acesso de adolescentes e jovens negres e pobres ao ensino superior público. Se hoje a Bahia é o estado com a segunda pior taxa de escolarização do país (Jornal Correio da Bahia, 2024), imagine como se configurava essa desigualdade naquele tempo.

Em alguns momentos, as falas das professoras demonstravam que a visão que elas tinham sobre nós era de que éramos desinteressadas, sendo que a escola não ofertava nada que nos despertasse interesse, muito menos nos orientava para outros caminhos além de um emprego qualquer de mão de obra barata.

Para completar, por perceber que a coisa era magueada, a gente também magueava. Uma vez que não era necessário muito esforço para passar de ano, eu sequer levava o caderno para as aulas, e vivia dizendo que depois que concluísse o segundo grau nunca mais pegaria num livro. Eu era

um aluno com rendimento medíocre, como é possível ver no meu histórico escolar.

Imagem 08: Meu boletim escolar dessa época

ÁREA	DISCIPLINAS	1ª Série		2ª Série		3ª Série		4ª Série		CARGA HORÁRIA TOTAL	
		NOTA CONCEITO	CARGA HORÁRIA	NOTA CONCEITO	CARGA HORÁRIA	NOTA CONCEITO	CARGA HORÁRIA	NOTA CONCEITO	CARGA HORÁRIA		
BASE NACIONAL COMUM	1. Línguas, Códigos e suas Tecnologias.	Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	6,5	120	6,3	80	6,5	120			320
		Arte									
		Educação Física	5,0	120	7,0	120	5,7	120			360
	2. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias.	Biologia	7,0	80							80
		Física	5,0	80							80
		Química	5,5	80							80
		Matemática	5,3	120							120
	3. Ciências Humanas e suas Tecnologias.	Geografia	5,0	80							80
		História	6,3	80							80
		Filosofia			5,0	40					40
		Sociologia					5,2	40			40
		Subtotal									
	PARTE DIVERSIFICADA	Língua Estrangeira Moderna (Inglês)	5,0	80							80
PEI*										40	
Educação Artística		6,0	40							40	
Administração e Comércio		5,5	120	5,0	120	6,5	80			320	
História Econômica				6,0	80					80	
Técnica em Redação				6,5	80					80	
Geografia Econômica				6,0	80					80	
Banco Aplicado				7,0	120					120	
Estatística				5,0	80	6,5	80			160	
Matem. Com. e Financeira				5,0	80	6,0	80			160	
Psicologia das Rel. Hum. e Ética				6,0	80	6,0	80			160	
Economia e Mercado						6,0	80			80	
Contabilidade e Custos						6,0	80			80	
Mecanografia e Proc. Dados						6,5	80			80	
Estágio Supervisionado					9,0	400			400		
	Subtotal										
	Total Geral			1.000		960		1.240		3.200	

Fonte: Arquivo pessoal

Não me faltava disposição para ter um desempenho melhor na escola, até porque eu fui um adolescente incomodado com o estabelecido. Meus demônios questionadores estavam sempre insatisfeitos com as respostas prontas que eu recebia da sociedade, dos livros, da mídia e da bíblia. Elas não faziam sentido para mim, e minhas dúvidas eram muitas, mas, além da falta de referenciais que pudessem me estimular a ver além do horizonte, havia também a falta de determinadas ferramentas de acesso ao conhecimento e à informação. Os principais meios de comunicação de massa eram a TV, Rádio e jornal impresso. O telefone residencial era coisa de gente rica, computador e internet em casa ou no celular (que também eram novidade) eram privilégios

de poucas. Não me recordo de ter participado, nas salas de aula em que estudei, de discussões sobre temas como: Sexualidade, Gênero (que ainda nos dias de hoje não compõem o currículo da educação Básica), História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena. Nem de outros assuntos importantes para uma formação humanista, para além das competências técnicas para o mundo do trabalho (no meu caso, para o trabalho precarizado). Eu era um jovem cheio de dúvidas, cujas respostas que recebia não respondiam às minhas incertezas.

Ecléa Bosi (1992) diz que “o mundo é opaco para a consciência ingênua que se detém nas primeiras camadas do real”. Já Maria Helena Souza Patto (1997) fala que o senso comum, ou pensamento cotidiano, ou pensamento prático, embora possibilitem a familiarização das pessoas com as coisas do mundo, com as coisas cotidianas, muitas vezes não são suficientes para o entendimento sobre o mundo.

Através dessas compreensões, me conecto a bell hooks (2017), ao falar de si quando criança: na minha adolescência, eu queria fazer com que as pessoas enxergassem o mundo de outra maneira, pois muitas coisas para mim não se encaixavam e eu queria saber sobre o mundo, queria entender as coisas que despertavam minha curiosidade, que diziam respeito a mim, à sociedade, à natureza e ao universo. Mas eu também não tinha consciência de que boa parte das dúvidas que me atormentavam eram resultado de um processo de escolarização falhoso, e com intenções, das quais a principal é manter a subalternização das pessoas não-brancas para o favorecimento das elites ou, em outros termos, supremacia branca, como define Sueli Carneiro a partir da ideia de contrato racial.

Se não bastasse a má qualidade da formação nas disciplinas das Ciências Humanas durante o segundo grau, eu ainda caí na laranjada, por falta de opção, de fazer um curso na modalidade médio técnico, em administração. Estes cursos têm uma carga horária de disciplinas ligadas às ciências humanas e sociais bastante reduzida.

Não escolhi fazer um curso técnico, isso foi uma imposição. Lá no Edvaldo, eu poderia fazer Contabilidade, Magistério ou Formação Geral. Como eu não tinha nenhuma noção de qual curso escolher, então fui por eliminação, pensando: “Contabilidade tem muita matemática (matéria que eu tenho pavor,

não vou conseguir passar), também não pretendo ser professor, então nada de Magistério na minha vida. Dos três, a melhor opção é Administração, já que todo mundo dizia que era melhor fazer um curso técnico. Sinceramente, a gente sabia que aqueles cursos não valiam de nada - a gente até zoava, eu dizia que ia fazer administração para administrar a empresa de meu pai, qual!?

O discurso que predominava colocava o ensino técnico como necessário para o desenvolvimento econômico do país, por conta da necessidade de pessoas capacitadas para ocuparem as vagas disponíveis em diversos setores. Meu histórico é a prova do crime perpetrado aos/às estudantes do Edvaldo e não falo nem por conta das minhas notas. Falo mais por saber que embora o histórico escolar sirva para cumprir as burocracias institucionais exigidas no mundo do trabalho e acadêmico, ao olhar para ele, vejo o quanto fomos vítimas de um latrocínio intelectual.

Eu guardo na memória alguns detalhes sobre as disciplinas do meu “curso de técnico em administração”, que servem para passar a visão do porquê que me refiro a ele como uma laranjada. Vamos começar pela Base Nacional Comum:

Na matéria de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, o professor (o mesmo que no ginásio dava aula de inglês) era gente boa e dava moral para a galera do fundão, sempre interagia com a galera e não barrava a nossa entrada na sala de aula quando a gente chegava atrasado, e ainda por cima largava uma piadinha “que perfume é esse, só alegria?”. Quando a conversa no fundo estava demais, ele dizia “only happiness, please”.

Na disciplina de Biologia, a professora era uma mulher branca, que morava em Castelo e de vez em quando a gente se cruzava pelas ruas do bairro, só que ela não falava comigo fora da escola. Já Física, Química e Matemática, quase nada.

Outro dia, estava trocando ideia com mais um amigo com quem estudei, chamado Rogério, e ele me contou que depois que concluiu o segundo grau fez um curso pré-vestibular para se preparar para a prova da UFBA. Lá no cursinho, ele se deu conta que não sabia quase nada sobre uma série de conteúdos do segundo grau, e que na matéria de física, por exemplo, ele só dominava um assunto, pois foi o único trabalhado pelo professor durante todo o primeiro ano. É importante dizer que ele era o aluno que tirava as notas mais

altas na turma, nosso CDF. E também era o principal alvo das violências, preconceitos e tantas outras atitudes desrespeitosas praticadas pelos estudantes, inclusive eu.

Nas matérias de Geografia e História, a professora era a mesma e, na maioria das suas aulas, ela ficava ditando os textos para a gente copiar nos cadernos, isso numa turma composta por adolescentes que compartilhavam entre si o desejo e a necessidade de concluir a escola básica.

Tanto Filosofia e Sociologia são disciplinas que eu não me recordo das aulas, sequer quem foram os professores.

Para falar da disciplina de Educação Física, eu vou precisar dedicar um parágrafo exclusivo para este professor que recebia o máximo respeito da turma. As experiências que a maioria de nós estudantes tivemos nesta matéria era aquela coisa magueada de pegar o baba, jogar vôlei etc. Com Bira a história era outra, as aulas geralmente aconteciam dentro da sala de aula e ele nos mostrava que o esporte tem história, aspectos geográficos e interesses políticos, e por mais que a gente também quisesse estar na quadra, nós percebemos que a dedicação dele era diferente dos demais. Além disso, Bira tinha lado. Outro dia conversando com Cimar recordamos de uma das suas falas na turma, quando ele tentava nos conscientizar sobre os interesses da classe dominante. Lembro dele falando que “o estado quer formar robôs”. Seu interesse na ocasião era nos incentivar a continuar estudando. Bira, até onde eu me recordo, foi o único professor que nos incentivou a seguir nos estudos. Máximo respeito, professor.

Agora, as disciplinas da Parte Diversificada:

Inglês, lembro que a professora era uma mulher negra e jovem, também moradora de Castelo Branco. Mecanografia e Processamento de Dados foi uma disciplina magueada, o professor esteve na sala poucas vezes e se queixava que o colégio não tinha um laboratório com os equipamentos que ele precisava, então ele passou alguns trabalhos e não pôde fazer mais que isto.

Estágio Supervisionado não tinha professora e sim uma pessoa da coordenação que nos dava algumas orientações. Era um estágio obrigatório que aconteceu no terceiro ano. De uma hora para a outra, a pessoa que seria a orientadora foi até a nossa sala e informou que essa atividade era necessária para a conclusão do “curso” e que eles estavam desesperados, porque já se

aproximava o final do ano. Do lado de cá, a gente não estava sabendo de nada disso. Sei que, virou, mexeu, não sei quem falou com não sei quem de onde e rolou estágio para todo mundo. Eu e Xico ficamos no Colégio Prof. Raymundo Gouveia, e o que a gente fazia era colocar umas provas para imprimir, organizar uma fila da merenda, bater papo e paquerar.

Educação Artística; Administração e Controle; História da Economia; Técnica em Redação; Geografia Econômica; Direito Aplicado; Estatística; Matemática Comercial e Financeira; Economia e Mercado; Contabilidade e Custos: Se não me engano, todas foram concluídas através de trabalho individual ou em grupo, sem a presença de professoras em sala de aula.

Psicologia das Relações Humanas e Ética, aí também é caso de reservar um parágrafo. Lembro muito bem das aulas da professora Ana Cristina, numa delas aconteceu uma atividade que me marcou profundamente e que ficou esquecida na minha memória, e eu só vim recordar anos depois. Ela fez uma dinâmica de grupo para a turma compartilhar com cada um dos integrantes adjetivos que tivessem a ver com aquela pessoa. Eu imaginava que fossem escolher os piores adjetivos para falar sobre mim, só que ao contrário disso, para a minha surpresa, fui bombardeado de uma série de palavras doces, generosas e de carinho.

Imagem 09: No estágio e com colegas//amigues desse período



Fonte: Arquivo pessoal

No terceiro ano (em 1998), uma nova gestão assumiu o Edvaldo. O diretor novo era um homem gay de passabilidade branca que chegou botando ordem e conseqüentemente promoveu algumas mudanças pelas quais a gente não gostou nem um pouco. Foram elas: os portões que antes ficavam constantemente abertos passaram a ser fechados, a partir de um determinado horário e quem chegasse depois não podia mais entrar; começaram a ter outras proibições como por exemplo o uso de boné, cigarro, mesas de jogos na frente ou dentro das salas etc.

Ao mesmo tempo, neste ano aconteceu o I Salão de Arte, Música e Poesia do Edvaldo Brandão Correia, um projeto que se tornou permanente e que envolvia toda a comunidade escolar e que possibilitava diversas trocas. Também, pela primeira vez em quatro anos, ocorreu uma saída cultural para o Teatro Solar da Boa Vista, no Engenho Velho de Brotas, quando fomos assistir ao espetáculo “Cuida bem de mim”, realizado pela ONG Liceu de Artes e Ofícios da Bahia. A peça cuja trama ocorria no ambiente escolar falava sobre uma série de questões que atravessavam a vida de muitos estudantes de escolas públicas, dentre as quais detaco a depredação e precarização do ambiente escolar. Após a apresentação, aconteceu uma roda de conversa super bacana com todo o elenco do espetáculo.

Eis que no final de 1998, chegou a tão esperada conclusão do ensino médio. gente era só alegria, um frenesi total. Ela chegou acompanhada de um sentimento de “deixa eu ficar mais um pouquinho”, uma saudade e promessas de “vamos marcar para se encontrar”.

Virou lenda! Com relação ao futuro, havia muitas expectativas e incertezas.

Imagem 10: Com a turma da conclusão do Ensino Médio



Fonte: Arquivo pessoal

Hoje, eu olho para a foto acima e vejo muitas mudanças e permanências. Algumas delas foram narradas aqui e o que me deixa mais feliz é perceber determinados avanços.

O Edvaldo era uma escola que demonstrava o descaso do estado com a educação de maneira muito escancarada. É lógico que isso impactava de algum modo nas nossas expectativas com a escola, quiçá com o nosso futuro. Uma das formas que nós utilizamos para representar isso era através da expressão “Edvaldo Brandão, entra de cara e sai doidão”.

É bastante prazeroso poder olhar o Edvaldo do Presente com outro olhar, mesmo sabendo que a caminhada ainda é muito longa. Recentemente recebi da minha orientadora uma mensagem com a seguinte imagem:

Imagem 11: Card do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia na Programação da Flipelô



Além disso, quando entro nos perfis do colégio nas redes sociais e vejo as diversas atividades e projetos que fomentam discussões afrocentradas, coisa que na minha época não acontecia, me sinto esperançoso.

É importante estabelecer a relação desses avanços com as lutas promovidas pelas organizações negras ao longo do século XX na busca pelo direito à educação (Gonçalves; Silva, 2000). Vale destacar o Movimento Negro que emergiu de forma mais orgânica a partir da década de 1970 (Gomes, 2017). Ele foi responsável por desenvolver diversas estratégias em prol da valorização da cultura afro-brasileira e inclusão da história e da identidade negra no sistema educacional, sendo o principal mobilizador para a implementação da Lei 10.639, aprovada ainda durante o primeiro mandato do presidente Lula. Essa lei estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileiras e africanas, alterando assim a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. As lutas dos movimentos negros fizeram e vem fazendo diferença.

5 OBSTÁCULOS E IMPULSOS: UM LONGO CAMINHO ENTRE A “NÃO ESCOLA” E O RECONHECIMENTO DA SUA IMPORTÂNCIA.

*Não me amedronta a ameaça
Sou a ameaça
É o que me amedronta
(Eliomar Lima).*

Após concluir o segundo grau, a minha urgência era conseguir um trampo. Eu tinha em mãos um atestado de que estava apto, uma profissão pela qual eu fui mal formado, um monte de necessidades e sonhos, e, ao meu redor, o mundo e suas opressões.

Para a sociedade racista, o trabalho, além de malmente garantir o pão de cada dia, tem também a função de controle. Porém ter uma carteira assinada ou estar em busca disso não significa estar blindado das formas mais truculentas do racismo, bem como não garante a preservação de nossas vidas na hora de uma abordagem policial. Antes do trabalho, é a escola que exerce esta função de arapongagem dos corpos negros.

Escolas públicas com ensino de má qualidade, cheias de adolescentes mal formados. Enquanto nós estivermos nestes lugares, vazias estarão as unidades de internação para os que cometem ato infracional e as cadeias dos criminosos, assim já dizia o mesmo Rui Barbosa que queimou nossa história (Patto, 2007).

Trabalharemos e honraremos nossas famílias, pois o trabalho dignifica o homem, ou melhor: do fruto de sua boca o homem se beneficia, e o trabalho de suas mãos será recompensado. - Provérbios 12:14. Só que não, fora da bíblia a realidade é cruel

Passei meses saindo frequentemente para procurar emprego. Comprava jornal aos domingos e durante a semana distribuía currículos em tudo que era canto. Em casa, a pressão era grande. Minha relação com meu pai estava bem complicada. A gente discutia quase todos os dias, eu já não admitia mais ser tratado como antes, ele também buscava manter seu lugar de autoridade. Ficar na rua era melhor do que em casa tomando aquele aperto de mente. Mainha ficava super preocupada, deixava até de viajar com receio de que acontecesse alguma coisa. Volta e meia, ela dizia: “eu já ando com medo de sair e acontecer uma tragédia com vocês dois aqui dentro de casa”, porque

quando a gente se desentendia, o ódio era grande dos dois lados. Eu entendia o apavoro de mainha, mas sabia do meu limite.

Na rua, eu geralmente ficava em alguma esquina conversando com amigos, ou então jogando bola, tomando baculejo da polícia. Aos finais de semana, ia para os pagodes do bairro, de vez em quando ia na igreja aos domingos só para interagir com outros jovens. Mainha ficava apavorada quando eu saía de casa, “Leo, Leo, quem boa romaria faz, em sua casa tá em paz” - as estatísticas e violência contra jovens negros no estado dispensam qualquer necessidade de dizer o porquê dela ficar desse jeito. Eu era, nas suas palavras, um desocupado. Mainha, da mesma forma que me dizia uma série de coisas difíceis de ouvir, como por exemplo, “você não vai ser ninguém na vida, Leo!”, era ela quem mais fortalecia nos momentos difíceis, fosse dando o dinheiro do geladinho para pagar passagem, ou através das demonstrações de que estava sempre comigo, mesmo desaprovando algumas das minhas atitudes.

Um dia, cheguei em casa e encontrei ela orando com a minha carteira de trabalho em cima do rádio, escutando um programa da igreja católica (tenho que parar de sair da biblioteca pra chorar!). Muito provavelmente, na hora, eu devo ter feito algum comentário irônico, e também muito provavelmente, ela respondeu como sempre responde, “você não acredita em nada, Leo, você é um ateu!”

Glória a deus! Semanas depois, eu fui chamado para iniciar um processo seletivo numa rede de supermercados e fui contratado como empacotador. Três meses depois, mudei de função para operador de caixa e permaneci lá por dois anos até ser demitido em 2002. Eu fiquei super feliz com o primeiro emprego, com o salário de R\$152,03 e por poder atender a mais um dos critérios exigidos pela sociedade tradicionalista para um homem negro.

Eu era tão ingênuo naquela época que nem percebia quando a gerente racista fazia comentários insinuosos, quando eu comprava algo (agora eu podia comprar meu tênis de marca): “Que tênis bonito, Eliomar, deve ter sido caro hein?”; “Que relógio bonito, quanto custou?”. São muitas lembranças de situações parecidas de assédio e violação dos direitos trabalhistas (salve Maia, a gente não leva para o coração, mas também não esquece).

Eu me sentia desconfortável, mas não tinha noção de que aquilo era racismo. Na medida em que o tempo foi passando, me dei conta de que aquele desconforto não era particular e sim compartilhado por várias pessoas. O turno em que eu trabalhava passou a se mobilizar, sair para o intervalo, ir embora e não voltar para o setor, fazer operação tartaruga, entre outras ações de mobilização coletiva. Todos fomos demitidos gradativamente. A demissão era comemorada na frente da loja, como se fosse uma vitória.

Resolvi tirar carteira de motorista com uma parte do dinheiro que recebi na rescisão, para melhorar minhas chances de conseguir um trabalho como cobrador de ônibus. Com uma outra parte bem significativa, eu comprei uma guitarra (“durante muito tempo isso foi tudo que eu queria ter”).

Continuei espalhando currículos pela cidade, da mesma forma. Correria intensa, como a gente costumava falar. Acontece que o racismo não nos dá um minuto de sossego. Um dia resolvi ir até o Centro Industrial de Aratu - CIA, onde fiquei sabendo que uma empresa estava pegando currículo. Cheguei junto com outro cidadão que seguia no mesmo caminho. Quando nos aproximamos do guarda, ele viu bicho com alguma coisa e nos apontou uma arma. Eu, sem entender, só tive a reação de balançar a cabeça e me sair, tentando engolir o ódio.

Nessa mesma época, em um prédio, no Costa Azul, estava no elevador com um amigo e quando o elevador parou em um andar qualquer, uma mulher branca também viu bicho com a nossa presença e desistiu de entrar. A gente reagiu rindo, bem alto. Para completar, tem mais um exemplo, este aconteceu num dia em que eu estava tocando violão sentado na escada que fica no portão de casa. Tinha acabado de chegar da casa de um brother com quem peguei o seu cartão de meia passagem emprestado para ir procurar emprego no dia seguinte. Eu estava na minha, de boa, quando de repente chegou um comboio da polícia. Um dos policiais desceu da viatura e veio até mim para fazer uma abordagem já com a arma apontada em minha direção, me coagindo a sair do portão para a rua. Daí, começamos a discutir por conta do seu abuso e truculência. Minha mãe chegou, também o questionando, e as pessoas começaram a sair de suas casas, gerando certo tumulto. O policial criminoso mais uma vez usou da coação e me colocou na viatura alegando que me

levaria para a delegacia, sob uma justificativa de que eu estava cometendo crime de “falsidade ideológica”.

Em momentos como este, pouco importa a fala do policial, a gente nem pára para questionar se procede o argumento utilizado. A única coisa que vem à cabeça são as histórias de tantos outros jovens negros que entram em viaturas e não retornam para as suas casas.

Nessa disputa de forças tão desigual, cada familiar tenta proteger seus jovens da forma possível, uns oram, outros prendem seus filhos em casa, outros gritam, tentam chamar a atenção, sabendo que os dispositivos de denúncia, além de serem corporativistas, são infectados pelo racismo institucional. Mainha correu e ligou para um sobrinho, veterano da polícia, que fez alguns contatos. Depois que tudo ficou resolvido, quando eu já estava dentro da viatura indo sabe-se para onde, fui deixado no meio do caminho e voltei para casa com um vizinho que nos seguia de carro.

Eu poderia citar aqui inúmeras cenas de abordagens policiais abusivas pelas quais fui submetido. Impossível enumerá-las, pois elas tornaram-se impostas socialmente tão brutalmente que muitos de nós homens negros as enxergamos de forma banal. Ariane Felício viu isso na pesquisa de doutorado dela (Oliveira, 2020).

Lembro de uma situação que aconteceu, ainda no período em que eu trabalhava no supermercado. Um dia, eu estava na frente de casa trocando ideia com outros três amigos, como a gente sempre fazia (nós quatro havíamos acabado de chegar do trampo), e fomos abordados pela polícia, mas de maneira espontânea continuamos conversando como se nada estivesse acontecendo, trocando ideia virados para a parede, rindo e as porra. Até que o policial perguntou a um de nós o que havia dentro da mochila e meu amigo respondeu “é minha marmita, quer abrir?”, o policial recusou, então concluiu aquilo que ele chama de trabalho e nós demos muitas risadas com a situação.

Depois de algum tempo sem ter uma ocupação definida e sem perspectiva de conseguir algo - já havia colocado currículo pelos quatro cantos da cidade, já havia feito algumas entrevistas e nada, já estava quase apelando para a carteira de trabalho em cima do rádio (rsrsrs) -, encontrei um amigo com quem estudei o ginásio, e coincidentemente ele estava realizando a Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED. Achei o trabalho interessante e pedi mais

informações de como funcionava, se havia alguma empresa contratando etc. Ele então me passou alguns contatos de institutos de pesquisa em Salvador que realizavam trabalhos semelhantes.

A partir daí, comecei a trabalhar como “pesquisador autônomo”, coletando dados para sondagens, principalmente sobre produtos (pesquisa de mercado) e de intenções de voto (pesquisa de mercado eleitoral). Coletei opiniões e hábitos das pessoas sobre combustível, aparelhos celulares, planos de telefonia móvel, refrigerante, cerveja, intenção de compra de imóveis, supermercado, canais de TV, Pet Shop, sobre uso de fogão de lenha, candidatas de direita etc. Numa destas pesquisas, por exemplo, meu trabalho era observar, a partir de uma lista, se determinados produtos estavam presentes em estabelecimentos comerciais de cidades de grande porte ou até mesmo com populações inferiores a 10.000 habitantes.

As pesquisas políticas eram encomendadas tanto por empresas da mídia, como também pelos partidos e além de informarem as posições de candidatas na corrida eleitoral, também serviam para as articulações políticas. Por isso podiam ocorrer em qualquer período do ano, sendo que nas eleições eram muito mais frequentes obviamente. Eu cheguei a ficar mais de 40 dias viajando, fazendo este trabalho. Era comum acontecerem ocasiões desconfortáveis, como por exemplo perseguições e tentativas de manipulação do resultado por parte de representantes partidários.

Por ser um trabalho autônomo, a falta de direitos era o principal fator que me deixava inseguro, mas por outro lado alguns ganhos me faziam permanecer. Este trabalho me ajudou a desenvolver a leitura e a escrita, passei a estudar regras de gramática para fazer as transcrições das questões abertas respondidas pelas pessoas. Além disso, o fato de estar em contato com pessoas de todas as classes sociais, ouvindo suas opiniões, muitas vezes por períodos que duravam mais de uma hora, era algo que eu não tinha dificuldade. Não ter uma rotina e poder viajar por vários municípios da Bahia e de outros estados também era algo que me instigava. O problema era a falta da porra da carteira assinada.

Nesta época, eu já pensava em voltar a estudar e fazer uma faculdade, mesmo vendo isto como um objetivo muito além do meu alcance, pois não havia condições de passar no vestibular para uma universidade pública. Eu

tinha consciência da péssima qualidade da formação que tive, e também não tinha condições financeiras de bancar uma faculdade particular.

Mas, em casa, minha irmã mais velha me dava exemplo de resistência e de luta. Ela ingressou no curso de Serviço Social, conciliando os estudos com o trabalho de caixa de supermercado. Por algumas vezes, ela precisou trancar a faculdade e se viu prestes a desistir da graduação. Era constantemente ameaçada de demissão por conta dessa dificuldade de estar horas no balcão do caixa, horas em sala de aula. Zi e o tempo. Este seu esforço serviu também para me mostrar que era possível.

Novamente, fui selecionado para trabalhar como caixa, em outro hipermercado, o mesmo que minha irmã trabalhava, só que em outra loja. Fiquei lá de 2004 até 2006. A empresa dava aos funcionários bolsas de estudo para alguns cursos de graduação. Minha irmã não teve este direito, porque seu curso não fazia parte dos contemplados. Tempos depois, quando fui contratado, o benefício foi retirado.

Um dos colegas do supermercado era integrante de uma banda de reggae gospel e me chamou para ensaiar com eles. Nessa época, eu tinha uma noção de reggae que adquiri nos ensaios que fazia na casa do meu grande amigo Papi, o “homem de sete dedos”, filho da minha primeira professora no PLAPE. Ele tocava baixo e tinha um som super caro e potente. Nos dias de folga, nós ficávamos o dia inteiro na laje de sua casa passando as músicas do Nengo Vieira, Sine Calmon, Edson Gomes, Adão Negro, O rappa, Cidade Negra, Planet Hamp, Charlie Brow Jr. etc., até que um dia o pai dele, que morava no andar de baixo, revoltado com o nosso barulho/som, foi lá e desligou o contador da casa. Resultado: queimou o som, a “banda” acabou.

Em 2005, comecei a estudar guitarra na Associação Pracatum Ação Social – APAS. Na ocasião, eu trabalhava como cartazista, no turno da noite, saía às sete da manhã e ia direto para as aulas. Vez em quando eu dormia na sala - aliás, dormir em sala de aula é algo que eu sempre fiz depois que comecei nessa vida de estudante trabalhador.

Não deu para conciliar o trabalho com o curso de música, mas eu não esqueço da professora Judith, que sempre dizia que “a música é uma mulher que pede fidelidade”. Ela nos incentivava a fazer uma graduação,

independente da área escolhida, e também nos orientava para a inscrição no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM.

Fui demitido nas duas experiências que tive no supermercado. Na demissão, tive uma sensação de alívio. Estar em lugares onde eu não era respeitado enquanto trabalhador sempre foi algo que me exauriu. Nessa última experiência, por exemplo, eu tive um desgaste muito grande, por conta do meu cabelo Black Power que incomodava muita gente de diversos setores. Frequentemente, os seguranças tentavam barrar minha entrada na portaria de funcionários e só liberavam depois da autorização da gerência, que também só fazia isso porque não tinha outro cartazista para ficar no meu lugar naquele horário. É isso, deixa embaraçar, sempre que o racismo tenta nos barrar e dizer que a gente não pode, deixa embaraçar.

*Deixa embaraçar
Deixa embaraçar
Deixa embaraçar aaa...*

*Deixa embaraçar
Deixa embaraçar
Deixa embaraçar aaa...*

*Cabelo, cabeça, madeixa, me deixa! (deixa embaraçar aaa...)
Quem foi que disse que me atinge a sua queixa?
Cabelo, cabeça, madeixa, me deixa! (deixa embaraçar aaa...)
Quem foi que disse que me atinge a sua queixa?*

*Sai da pele como suor,
Substância química, cartilagem,
Da cabeça um ideal!
Desperta inveja e vaidade
Abusa e usa a sociedade.
Uma certeza!
uma centelha de forças,
Como a linha das mãos,
destino, direção!*

*Cabelo, cabeça, madeixa, me deixa! (deixa embaraçar aaa...)
Quem foi que disse que me atinge a sua queixa?*

*Cabelo, cabeça, madeixa, me deixa! (deixa embaraçar aaa...)
Quem foi que disse que me atinge a sua queixa?*

*Depois não venha me imitar!
Sem usar pente,
Escondendo da gente...
Não tem olho grosso que agüente!
Quando vê o meu dread,
O nosso dread inteligente!*

*Dread, 'berlota', piaçaba, pixaim
 Quem foi que disse,
 que meu cabelo é ruim?
 Então me diga, que mal ele fez a ti?
 (Então me diga)*

*Ele é duro e tem balanço,
 Balança a tua consciência!
 Paciência!
 Meu escudo, minha essência!
 Paciência!
 Meu escudo, minha essência!*

*Cresce, tá crescendo,
 eu vou deixar...
 Tira o 'zóio', sangue ruim
 Teu oju crê não vai cortar!*

*Cresce, tá crescendo,
 eu vou deixar...
 Tira o 'zóio', sangue ruim
 Teu oju crê não vai cortar!*

*Cabelo, cabeça, madeixa, me deixa!
 (deixa embarçar aaa...)
 Quem foi que disse que me atinge a sua queixa?*

*Cabelo, cabeça, madeixa, me deixa!
 (deixa embarçar aaa...)
 Quem foi que disse que me atinge a sua queixa?*

*Depois não venha me imitar!
 sem usar pente,
 escondendo da gente...
 Não tem olho grosso que agüente!
 Quando vê o meu dread,
 O nosso dread inteligente!
 Dread, 'berlota', piaçaba, pixaim
 Quem foi que disse,
 que meu cabelo é ruim?
 Então me diga, que mal ele fez a ti?
 Então me diga, que mal ele fez a ti?*

*Ele é duro e tem balanço,
 Balança a tua consciência!
 Paciência!
 Meu escudo, minha essência!
 Paciência!
 Meu escudo, minha essência!*

*Cresce, tá crescendo,
 eu vou deixar...
 Tira o 'zóio', sangue ruim
 Teu oju crê não vai cortar!*

*Cresce, tá crescendo,
eu vou deixar...
Tira o 'zóio', sangue ruim
Teu oju crê não vai cortar!*

*Cabelo, cabeça, madeixa, me deixa!
(deixa embarçar aaa...)
Quem foi que disse que me atinge a sua queixa?*

*Cabelo, cabeça, madeixa, me deixa!
(deixa embarçar aaa...)
Quem foi que disse que me atinge a sua queixa?*

*Cabelo, cabeça, madeixa, me deixa!
(deixa embarçar aaa...)
Quem foi que disse que me atinge a sua queixa?*

*Cabelo, cabeça, madeixa, me deixa!
(deixa embarçar aaa...)
Quem foi que disse que me atinge a sua queixa?*

*Cabelo, cabeça, madeixa, me deixa,
Me deixa, cabelo, madeixa, cabeça,
Madeixa, cabeça, cabelo, me deixa,
Cabelo, me deixa, cabeça, madeixa,
Me deixa, me deixa,
me deixa, me deixa,
me deixa, me deixa...
Me deixa!
me deixa!
me deixa!
me deixa!!*

(Centelha, Melquesalem do Sacramento Santos e Fernanda Borges).³³

Também em 2006, fui convidado por um amigo para tocar guitarra na banda AglomeraSons. Passei a fazer parte e os ensaios do grupo aconteciam nos finais de semana na casa do vocalista, Leno Sacramento.

Sempre que eu chegava para ensaiar, encontrava um dos moradores, chamado Davi, sentado na mesa da sala, com um monte de textos. Ele era estudante do curso de História na UFBA, e vê-lo estudando foi mais uma virada de chave que ficou registrada na minha memória. Vi que era possível ser um homem negro estudante de uma universidade pública. Davi hoje é professor na rede estadual e deve continuar inspirando muitos de seus alunos durante o exercício da docência.

³³Banda AglomeraSons, Centelha, 2024. Disponível em:
https://open.spotify.com/track/0fkl0ySLzZbLRvYIt1YARH?si=-Q_rpxsRVC9tols0WW1zW.

Decidi então retornar aos estudos e com a ajuda de um amigo chamado George, que também é um homem negro e, na época, aluno da UFBA, no curso de Letras, passei a fazer aulas de reforço. Ele me cobrava R\$20,00 e me passava assuntos de Português, Matemática, História, Raciocínio Lógico, Ciências Sociais, Geografia e Conhecimentos Gerais. Eu estava focado na prova do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e pensava também na possibilidade de alguns concursos.

Naquela época, o que eu ouvia falar sobre as universidades públicas era que não tinha como estudar lá e trabalhar ao mesmo tempo. A desigualdade de acesso às universidades públicas era bem maior, o acesso às universidades públicas era por meio de vestibular e não existia lei de cotas. A Pró-Reitoria de Assistência Estudantil - PROAE da UFBA foi criada justamente em 2006. Eu tinha certeza que não passaria nas provas das instituições públicas.

Por duas vezes, fiz a prova do ENEM para tentar uma bolsa pelo PROUNI numa faculdade particular, porém não consegui bolsas para as opções de curso que eu queria (Música e História). Foi aí que em 2007, me inscrevi para o vestibular de uma faculdade particular para o curso de História, lembro que no dia da prova eu estava conectado com o momento e ao mesmo tempo preocupado em como faria para pagar a matrícula e posteriormente as mensalidades. Para pagar a matrícula, peguei um dinheiro emprestado no banco, só que a faculdade não conseguiu formar turma no turno noturno, daí não cursei. Com o reembolso da matrícula, paguei outra dívida, não paguei o banco e meu nome foi para o SPC.

No segundo semestre, mais uma vez estava eu lá, na Lan House, fazendo a inscrição no PROUNI e desta vez decidi acrescentar às minhas escolhas o curso de Psicologia. Lembrei da minha ex-professora Ana Cristina, com quem tive os primeiros contatos com essa área. Pedi ao meu amigo, Deivesson, para acompanhar as listas com os resultados das bolsas. Lembro que quando ele me deu a notícia, eu estava trabalhando como pesquisador. Ele me mandou uma mensagem de sms que dizia “Parabéns, você vai ser um grande psicólogo”. Na hora, eu nem me toquei do que se tratava, somente mais tarde, quando cheguei em casa, me certifiquei com ele que havia conseguido uma bolsa integral para cursar Psicologia na Faculdade Social da Bahia - FSBA.

Depois que consegui ingressar na faculdade, minha luta passou a ser permanecer estudando, coisa que não foi fácil diante de tantas dificuldades. Trabalhava como pesquisador autônomo, tinha fragilidades decorrentes da minha formação básica, e também tinha dificuldades financeiras para transporte, alimentação e compra de materiais necessários (livros, textos xerocados, etc).

Ingressei junto com uma turma formada majoritariamente por pessoas que também dividiam o tempo entre o trabalho e os estudos, quase todas moradoras de bairros de periferia.

Eu tinha muito mais motivos para odiar o curso de Psicologia, principalmente porque o campo de atuação que eu mais conhecia era da Psi organizacional, por conta dos vários processos seletivos que vivi e fui reprovado em alguns. Fui tentando articular os conteúdos das disciplinas com a minha realidade, com as coisas que me faziam sentido. Em alguns casos, esta tarefa era impossível, pois a Psicologia ainda tem em algumas de suas bases concepções que visam atender à manutenção do racismo, das desigualdades e demais opressões. Mesmo assim, foi durante a graduação que tive acesso a algumas discussões pautadas pela perspectiva do movimento negro.

Lembro que em um dos semestres, nós fizemos um trabalho de equipe que destacou algumas personalidades que são referência para os movimentos de mulheres negras, das quais foram lembradas: Nzinga Mbandi, Antonieta de Barros, Tereza de Quariterê, Luiza Mahin, Vilma Reis e Carla Akotirene (que na ocasião me concedeu uma entrevista).

Mais ou menos neste período, já nos semestres finais do curso, eu passei a fazer parte de um Quilombo Educacional que fica localizado no bairro de Cajazeiras V, chamado Quilombo do Orobú³⁴, que é um dos espaços de resistência que há 23 anos atua em prol da educação pública e antirracista. O Quilombo é um coletivo formado por pessoas jovens e negres do bairro, e foi através dele que conheci outros espaços de resistência, ousadia, luta e arte da juventude preta na região. Um deles é o Juventude Ativista de Cajazeiras -

³⁴ Disponível em:

https://www.instagram.com/quilombodoorobu?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNIZDc0MzlxNw==.

JACA e de outros bairros, como o Instituto Cultural Steve Biko e Sociedade Protetora dos Desvalidos - SPD.

Concluí a graduação em 2014.2, mas só fui atuar como psicólogo no ano de 2016, na assistência social do município, em um Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro POP, contratado de forma mais precarizada que os contratos de regime temporário, que aqui na Bahia é conhecido como REDA. Fiquei lá por seis meses. Depois, fui trabalhar como psicólogo, técnico de referência, numa unidade de internação para adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação. Foi quando conheci Paulo e entrei no grupo de pesquisa EPIS, coordenado por minha professora de psicologia, hoje orientadora de mestrado. Vocês já me ouviram falar sobre isto, o que significa dizer que chegamos num ponto de redundância, o que também me faz pensar sobre esta história narrada, a partir da perspectiva do Nêgo Bispo que, em seu poema, nos diz que somos o começo, o meio e o começo:

*Nós, caminhando pelos penhascos,
atingimos o equilíbrio das planícies.
Nós, nadando contra as marés,
atingimos a força dos mares.
Nós, edificando nos lamaçais,
atingimos a firmeza dos lajeiros.
Nós, habitando nos rincões,
atingimos a proximidade da redondeza.*

*Nós somos o começo, o meio e o começo.
Existiremos sempre,
sorrindo nas tristezas
para festejar a vinda das alegrias.
Nossas trajetórias nos movem,
Nossa ancestralidade nos guia
(Nêgo Bispo).*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é feita de pessoas reais. Assim, a Educação Escolar, peça importante para a transformação social, deve contribuir para o desenvolvimento das pessoas estudantes, considerando suas realidades. Sabemos que uma educação de qualidade baseada em práticas pedagógicas que contribuam para a emancipação das pessoas é algo ainda distante, tanto no ensino público, como também no privado (Freire, 2001). As promessas e ações do Estado, ao longo dos anos, são meros verbalismos que conseqüentemente visam manter em curso os interesses da classe dominante.

*É a bala veloz
Do branco algoz
Que cala a voz
Do jovem da favela
Favela que ouviu
O som de fuzil
O corpo sumiu
Bem vindo ao Brasil
País do carnaval
Onde os 10% mais ricos detém metade da renda total
Ainda tem gente que acha normal
Seria engraçado se não fosse trágico
Pois metade das casas brasileiras não possui saneamento básico
E todo ano é a mesma piada
O mosquito viraliza, a culpa é sua que deixou a água parada
O que parou por aqui foi a verba para educação
A merenda foi roubada
O professor levou pancada
Dos heróis que vestem farda
E que protegem o governo
Os que venderam a educação para manter o lucro dos banqueiros
O movimento é desigual
O que rege é o capital*

*A ciência é o aval
Para os fins justificar
Eu sempre lembro de uma história
Que aprendi na minha escola
O indivíduo quando rouba
Tem a consciência má
Quanto vale uma vida?
Quem souber me diga
Implantar no gueto
O medo e o desemprego
É o plano perfeito
Para criar os suicidas
E a cor do suspeito?
Por favor me digam*

*Tá tudo estarrado
 Corpo negro leva enquadro
 Toma murro é humilhado
 Observem o resultado
 Sempre da mesma maneira
 O Playboy paga fiança
 Passa um dia na cadeia
 A juíza sente dó
 Porque ele agora cheira pó
 Com sua tornozeleira
 Será que é futuro se persiste o passado?
 Será que o Estado é mesmo meu aliado?
 Palavras bonitas do século XVIII*

*Liberte, égalité, fraternité
 Va se fuder, que esse migué eu não vou comer
 (Desabafo, Cairo Costa Andrade).*

Eu saí da escola dizendo que nunca mais pegaria em um livro. Foram quase dez anos entre a conclusão do segundo grau e o ingresso na graduação. Muitas coisas aconteceram e muitas poderiam acontecer capazes de interromper esta caminhada. A narrativa desta história é também para dizer o quão urgente é a necessidade da garantia de uma educação escolar pública e de qualidade para nossas crianças, adolescentes, jovens, pessoas adultas, pessoas com deficiência, pessoas trans, pessoas negras, pessoas de periferia, pessoas indígenas, pessoas LGBTQIAPN+, e *para todes aqueles em quem ninguém mais pensa*.

Imagem 12: Mainha e Painho



REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223/pdf> Acesso em: 02 de setembro de 2023.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019. Disponível em <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_\(Feminismos_Plurais\)_-Carla_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-Carla_Akotirene.pdf?1599239359)

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. Disponível em <<https://contrapoder.net/wp-content/uploads/2020/04/ALMEIDA-2019.-O-QUE-%C3%89-RACISMO-ESTRUTURAL.pdf>

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA EDUCAÇÃO. Salvador: SEI, 1995.v.1.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BORBA, Sara. Narrativa autobiográfica docente no ensino remoto. Revista brasileira de educação básica – RBEB, Ano 6, Número Especial – Paulo Freire, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1MQQcPsSB6FheBGDFyAwRw7PXeUEHk6>. > Acesso em: 02 de setembro de 2023.

BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. Novos estudos CEBRAP, São Paulo, v.3 2, p. 111-118, mar. 1992.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo negro, 2011. Disponível em <<https://institutoressurgir.org/wp-content/uploads/2018/07/Racismo-Sexismo-e-Desigualdade-Sueli-Carneiro-1.pdf>

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 20 jun. 2024.

CASTRO, Jorge Abrahão de; MENEZES, Raul Miranda. Avanços e limites na gestão da política federal de ensino fundamental nos anos 1990. IPEA, Brasília, 2003. Disponível em <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2869/1/TD_947.pdf

CATANI, Denice Bárbara. As leituras da própria vida e a escrita de experiências de forma. Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 14, n. 24, p. 31-40, jul./dez. 2005.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). Atlas da violência 2024. Brasília: Ipea; FBSP,. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov>

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. Educação & Sociedade, Campinas, ano II, n. 5, p. 24-40, jan. 1980. Disponível em
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8357992/mod_resource/content/0/CHAUI-O%20que%20%C3%A9%20ideologia.pdf

COLLINS, P. H. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. Reflexões e práticas de transformação feminista/ Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2015. Disponível em
<<https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/01/reflex%C3%B5esepraticasdetransforma%C3%A7%C3%A3ofeminista.pdf>

COSTA, Eliane. Racismo como metaenquadre. Revista do Instituto de Estudos Brasileiro, Brasiln. 62, dez., 2015, p. 146-163. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rieb/a/CLZymtsWbbjRhLwnKT3yZPr/?format=pdf> Acesso em: 02 de setembro de 2023.

COUTO, Ludmila Brasileiro Guirra. A formação escolar das mulheres ferroviárias de Alagoinhas - Bahia. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2007. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11841/1/Ludimila%20Couto.pdf>

DIAS, Clímaco. Práticas Socioespaciais e Processos de Resistência na Grande Cidade: Relações de Solidariedade nos Bairros Populares de Salvador. Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em Geografia da UFBA), Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geografia, 2017. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/25600/1/Climaco_Cesar_Siqueira_Dias_Tese_Doutorado_Final.pdf Acesso em: 28/08/2024

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Palas: Fundação biblioteca nacional, 2016. Disponível em
<<https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/Grupo%20de%20Estudos/7.%20EVARISTO,%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20-%20Olhos%20da%20agua.pdf>

_____. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. Becos da Memória. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador-Ba: EDUFBA, 2008. Disponível em
<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_branças.pdf

FERREIRA, Amanda. Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Dissertação (mestrado em letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras – Pós-Lit, Belo Horizonte. 2013. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-95BHKT/1/disserta_o_amanda_c_rispim_ferreira.pdf> Acesso em: 02 de setembro de 2023.

FONSECA, Maria. Brasil Afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FÓRUM SOBRE MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE. Pedagogia é luta! É sobre tocar fogo nos sistemas pra garantir educação de qualidade pros nossos. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/C7NfvMUpGq4/>>

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia do oprimido. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, Denise; GALVÃO, Cecília. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. Ciências & Cognição 2007; Vol 12: 219-233 <<http://www.cienciasecognicao.org/>> Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v12/m347196.pdf>. Acesso em: 02 de setembro de 2023.

GOMES, Nilma. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONÇALVES, Luiz; SILVA, Petronilja. Movimento negro e educação. Revista Brasileira de Educação, Set/Out/Nov/Dez 2000 Nº 15. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8rz8S3Dxm9ZLBghPZGKtPjv>. Acesso em: 20/08/2024

HENRIQUE, Eda; GUIMARÃES, Eriedna; RODRIGUES, Veronica. Paulo Freire e a pesquisa narrativa (auto)biográfica: diálogos entre leitura do mundo, de si e de trajetórias de formação. Revista Teias v. 22, n. 67, out./dez. 2021, Seção temática Celebrar Paulo Freire: reencantar o mundo e as utopias. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1LRVSDN5JThBfz55tuToRt4S_W6LbYgoz/view> Acesso em: 02 de setembro de 2023.

hooks, Bel. Ensinando a transgredir: a Educação com prática libertadora. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013/2017. Disponível em <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell_hooks_-_Ensinando_a_Transgredir_1.pdf>

JESUS, Carolina. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014. Disponível em <<https://dpid.cidadaopg.sp.gov.br/pde/arquivos/1623677495235~Quarto%20de%20D espejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf.pdf>>

JORNAL CORREIO DA BAHIA. Bahia tem a 2ª pior taxa de escolarização do Brasil, revela pesquisa. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/bahia-tem-a-2-pior-taxa-de-escolari zacao-do-brasil-revela-pesquisa-0524>> Acesso em: 02/06/2024.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019. Disponível em

<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf>

KI-ZERBO, Josef. Para quando a África? - Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas, 2006. Disponível em
<<https://www.ufrgs.br/nerint/folder/resenhas/resenha65.pdf>>

KUHLMANN J, Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. Revista Brasileira de Educação, 2000. Disponível em
<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/CNXbjFdfdk9DNwWT5JCHVsJ/?format=pdf&lang=pt>>

LE GOFF, J. O imaginário medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. [original: 1985].

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. Linhas Críticas, Brasília, DF, v.23, n.51, p. 369-386, jun. 2017 a set. 2017. Disponível em:
<<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231/6742>> Acesso em: 02 de setembro de 2023.

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-formação. In Nóvoa, A vida de Professores. Porto: Porto Editora, 1995.

NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980. Disponível em
<<https://estudosetnicosraciaisufabc.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/02/09-b-nascimento-o-quilombismo-pag-1-280-1.pdf>>

_____. O genocídio do negro brasileiro: processos de um racismo mascarado. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Disponível em
<<https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/o-genocidio-do-negro-brasileiro-processo-de-um-racismo-mascarado-abdias-do-nascimento.pdf>>

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. A creche no Brasil: mapeamento de uma trajetória. Revistas USP, 1988. Disponível em
<<https://revistas.usp.br/rfe/article/view/33402/36140>>

OLIVEIRA, Ariane Rocha Felício de. Meritocracia e projeção de futuro na perspectiva de jovens alunos : a ideologia do mérito na construção da “vida normal” / Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2020. Disponível em
<<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32266/1/Tese%20Ariane%20Fel%c3%adcio%20vers%c3%a3o%20final.pdf>>

PATTO, Maria. Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à Psicologia escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984. Disponível em
<<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/924/836/3041>>

_____. (Org.). *Introdução à Psicologia Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. Estudos avançados 13 (35), 1999. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ea/a/vfdbdpstqSj3P9gLWcFRs7g/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso em: 02 de setembro de 2023.

_____. “Escolas cheias, cadeias vazias”. Nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileira. Estudos avançados 21 (61), 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ea/a/8CmZxV5RnRBPmBR3N7J49mm/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso em: 02 de setembro de 2023.

_____. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. 4ª edição, São Paulo: Intermeios 2015. Disponível em
<<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/932/844/3069>

_____. A cidadania negada: políticas públicas e formas de viver. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em:
<https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/913/826/3010>>
Acesso em: 02 de setembro de 2023.

PASSEGGI, Maria; SOUZA, Elizeu; VICENTINI, Paula. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Educação em revista, Belo Horizonte, v.27, n.01, p.369-386, abr. 2011. Disponível em:
<<https://drive.google.com/file/d/16HwdcphLCPJ07pzfBRK2cmLuh7wTPQdh/view>

PASSEGGI, Maria da Conceição; JR. DE SÁ, Lucrecio Araújo; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. Educação e experiência: narrativas em múltiplos contextos [recurso eletrônico] - . – 1. ed. – Natal: EDUFRN, 2021. Disponível em:<file:///C:/Users/eliom/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/EducacaoeExperiencia_Passeggi_SaJunior_Barbosa_2021.pdf>. Acesso em: 02 de setembro de 2023.

PEREIRA JÚNIOR, Paulo Roberto Cardoso. Atuação da(o) psicóloga(o) em uma instituição de internação para adolescentes e jovens em conflito com a lei no estado da Bahia : desafios e possibilidades. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018. Disponível em
<<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/25577/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20FINAL%20DE%20PAULO%20CARDOSO%20MAR%C3%87O%20DE%202018.pdf>

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. IO, 1992, p. 200-212. Disponível em:
<<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%20.pdf>

RAMOS, Lázaro. Na minha pele. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. Disponível em
<<https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/Na%20minha%20pele%20-%20Lazaro%20Ramos.pdf>

RODA VIVA. Conceição Evaristo explica o conceito de “escrevivência” e relação com mitos afrobrasileiros. YouTube, 06 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-wfZGMV79A>> Acesso em: 02 de setembro de 2023.

SACRAMENTO, Melquisalém. Para desgraça: uma quarta para não esquecer. São Paulo: Selin Trovoar, 2021.

SALVADOR, Prefeitura municipal. Limites Prefeituras Bairros / Poligonais de Bairros. Disponível em:

<<https://geo.salvador.ba.gov.br/portal/home/webmap/viewer.html?useExisting=1&layers=986b92318300490d9879875acfd9af3c> Acesso em: 02 de setembro de 2023.

SALVADOR. Observatório de Bairro de Salvador. Disponível em <<https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/castelo-branco>

SANTANA-FILHO, D. M.; GERMANI, G. I.; GIUDICE, D. S. O Estado nacional e a população negra: relação espaço e tempo para os territórios étnicos. Espaço Aberto, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 155-171, 2013. Disponível em:

<<https://revistas.ufjf.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2104/1871>.

SANTOS, Hamilton. Salvador Cidade Túmulo. Salvador: Editora Reaja, 2020.

SANTOS, Hellen Thaís dos; GARMS Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, 2014. p. 4094-4016.

SANTOS, José. Cuidado com o vão: repercussões do homicídio entre jovens de periferia. Salvador: EDUFBA, 2010.

SANTOS, Taise. Búzios que instigam, percepções que comunicam. Jundiá: Paco, 2019.

SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1970 - 1930. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SILVA, C. R. C. da. A queixa escolar na educação infantil : uma incursão em uma sala de aula de uma escola popular na cidade do Salvador. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SOUZA, Neusa. Tornar-se Negro ou as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, Elizeu. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação, NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Disponível em:

<https://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>> Acesso em: 02 de setembro de 2023.

_____ Territórios das escritas do eu: pensar a profissão narrar a vida. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, maio/ago. 2011. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8707/6359>> Acesso em: 02 de setembro de 2023.

_____ ; SOUZA, Rosiane Costa de. Pesquisa (Auto)Biográfica, Educação e Saúde Docente: Escritas de Formação e Reconfiguração Identitária. Cadernos CERU, Série 2, Vol. 32, n. 1, jun. 2021

SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Tradução Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questões sobre a história oral e as memórias. Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 15. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216>>